

# Ministério

JAN-FEV • 2022

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 18,15



## NA DIREÇÃO CERTA

O caminho para que a igreja cumpra sua missão com excelência

O desafio da multiplicação dos métodos hermenêuticos + Como estabelecer o Espaço Novo Tempo na igreja  
A educação adventista e o preparo de jovens para o serviço + Desenvolvimento do estudo literário do Apocalipse

# RESPOSTAS **PROFUNDAS** PARA ASSUNTOS **COMPLEXOS**



Quais as diferenças entre a antiga e a nova aliança? Qual é a função da lei para quem vive debaixo da graça? Neste livro, o autor reflete sobre o relacionamento entre Deus e Seu povo ao longo das eras.




Refleta sobre três áreas importantes da natureza e vida da Igreja: adoração, ministério e autoridade.

MKT CPB - Adobe Stock

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910  
[atendimentolivrarias@cpb.com.br](mailto:atendimentolivrarias@cpb.com.br)



Baixe o  
Aplicativo CPB



    /cpbeditora



10



28

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 26 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



14

**10 Igreja dinâmica**  
*Wellington Barbosa*  
Quatro elementos fundamentais para formar congregações bem-sucedidas

**14 Liderança compartilhada**  
*Richard Davidson*  
Vislumbres dos profetas do Antigo Testamento sobre o papel de homens e mulheres na condução do povo de Deus

**17 Caminho seguro**  
*Benjamin Rojas Yauri*  
A Igreja Adventista e o desafio da multiplicação dos métodos hermenêuticos

**20 Trabalho integrado**  
*Jared Barrenechea*  
Como estabelecer um Espaço Novo Tempo na igreja local

**23 Celeiro missionário**  
*Jetro Castro Ortega*  
O papel da educação adventista no preparo de jovens para a obra de Deus

**28 Estrutura complexa**  
*Alberto Tasso Barros*  
Desenvolvimento histórico do estudo literário do livro do Apocalipse

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 559 – Jan/Fev 2022  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

**Editor** Wellington Barbosa  
**Editor Associado** Nerivan Silva  
**Revisoras** Josiéli Nóbrega; Rose Santos

**Projeto Gráfico** Levi Gruber  
**Capa** Suppachok N / Adobe Stock

**Ministério na Internet**  
www.revistaministerio.com.br  
www.facebook.com/revistaministerio  
Twitter: @MinisterioBRA  
Redação: ministerio@cpb.com.br

### Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; José Wilson; Juan Fernández; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

### CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

**Diretor-Geral** Edson Erthal de Medeiros  
**Diretor Financeiro** Uilson Garcia  
**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto  
**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 88,30  
Exemplar Avulso: R\$ 18,15



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

# Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



# ORIENTAÇÃO DO ESPÍRITO

O artigo de capa desta edição estava pronto havia alguns dias, quando recebi uma ligação do pastor Lucas Alves para tratar de alguns projetos editoriais da Associação Ministerial. Enquanto conversávamos, incidentalmente ele mencionou o tema do Concílio Quinquenal da Divisão Sul-Americana que começaria no dia seguinte: “Uma Igreja em Movimento”. O que chamou minha atenção foi o fato de que o mote da reunião se encontrava em uma citação de Ellen White na qual a autora comparava a igreja de São Francisco a uma grande colmeia, texto que está nas considerações iniciais do artigo que escrevi. Coincidência? Não creio.

Tenho observado ao longo do tempo que o Espírito Santo tem impressionado homens e mulheres a refletir cada vez mais sobre a importância da congregação local para o cumprimento da missão da igreja. É curioso perceber que, conforme a estrutura denominacional cresceu, muitos membros (e talvez pastores) começaram a projetar sobre a instituição seu papel na tarefa de discipular pessoas para o reino do Céu. Gradativamente, atividades que antes mobilizavam a maior parte dos membros foram substituídas por iniciativas organizacionais sofisticadas e com grande dependência tecnológica. Assim, o que deveria servir como material de apoio assumiu o papel de protagonista, enquanto as pessoas, que deveriam ser protagonistas, se limitaram a servir como elementos de apoio. Embora os recursos tecnológicos sejam importantes, e os processos de trabalho tenham relevância, nada pode substituir o contato pessoal.

Isso parece ter ficado evidente no contexto da pandemia. Apesar da facilidade com que as pessoas se adaptaram às reuniões virtuais e aos cultos transmitidos por diferentes plataformas, ao uso de aplicativos que facilitam a adoração e ao engajamento no compartilhamento de mensagens evangelísticas nas redes sociais, a falta das atividades presenciais foi constantemente lembrada.

Em realidade, esse sentimento gregário do cristianismo é uma das marcas que o identifica.

**Embora os recursos tecnológicos sejam importantes, e os processos de trabalho tenham relevância, nada pode substituir o contato pessoal.**

Lucas destacou isso no primeiro retrato que fez da comunidade apostólica. “Diariamente”, escreveu, os cristãos “perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2:46). Contudo, tão importante quanto o fato de estarem juntos, é o motivo que os mantinha próximos.

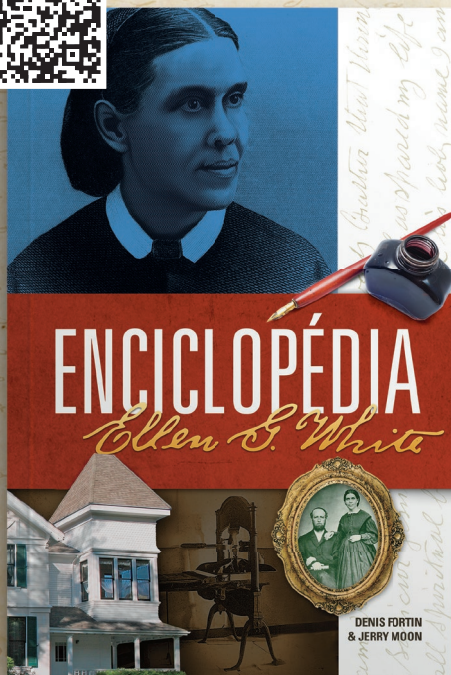
Pelo Espírito, eles “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (v. 42). A centralidade da Palavra era notória, e a presença e o trabalho dos líderes eram impactantes (v. 43). O senso de fraternidade motivava os membros a cuidar uns dos outros, de tal maneira que as necessidades materiais dos fiéis eram supridas (v. 44, 45). Como resultado dessa dinâmica vibrante de adoração e louvor, harmonia e comunhão, a igreja contava “com a simpatia de todo o povo” (v. 47). Lucas concluiu essa descrição, dizendo: “Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos” (v. 47).

Sem recursos financeiros, tecnológicos ou posições sociais influentes, os cristãos “transtornaram o mundo” (cf. At 17:6) a partir de sua experiência local. Ellen White declarou a respeito disso: “Cada cristão via em seu irmão a semelhança divina de benevolência e amor. Um único interesse prevalecia. Um objetivo absorvia todos os outros. Todos os corações palpitavam em harmonia. O único empenho dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar pelo engrandecimento de Seu reino” (*Parábolas de Jesus*, p. 120, 121). E completou: “Estas cenas devem se repetir, e com maior poder”. A pergunta que emerge desta reflexão é: Estamos preparados para liderar essa revolução congregacional? **IM**

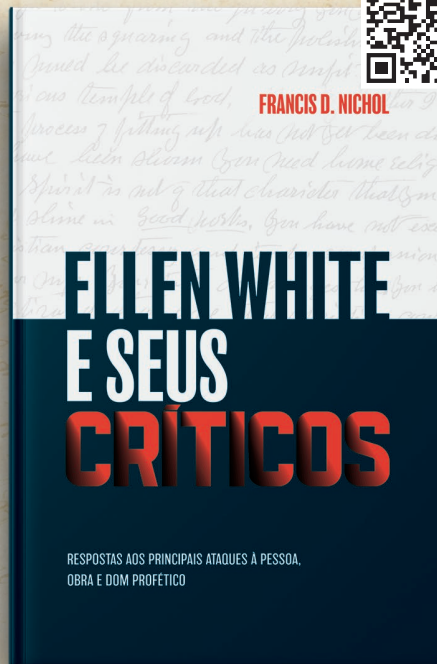


**WELLINGTON BARBOSA**  
editor da revista  
*Ministério*

Aprenda mais sobre  
**Ellen G. White**  
e seu contexto histórico



Esta Enciclopédia reúne artigos e mais de 1.300 verbetes sobre a vida de Ellen G. White. Se você costuma preparar sermões ou está em busca de respostas para questionamentos pessoais, esta obra-prima é indispensável em seus estudos.



Em uma época de boatos e discussões rasas, este livro traz para você as respostas para as principais acusações e polêmicas acerca de Ellen White e seu ministério.

MKT CPB - Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606  
CPB livraria • (15) 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910  
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



f i t y /cpbeditora

# REAVIVAMENTO NO MINISTÉRIO

**P**ode parecer muito ousado o título desta reflexão, pois quem diria que pastores também precisam de reavivamento? Por isso, faço a pergunta: Você necessita de uma experiência mais profunda com Deus? Sua mente está em Cristo? Algo tem dominado seus desejos mais íntimos a ponto de viver uma “espiritualidade” profissional? Amigo, se para alguma dessas perguntas, a resposta for sim, seja bem-vindo ao time daqueles que desejam ser guiados pelo Espírito Santo. Ele é tão essencial na vida da igreja e do pastor que, sem Ele, não existiríamos.

Devemos reconhecer que essa é a maior necessidade da igreja, incluindo os pastores. Satanás sabe o que pode fazer em um coração que não se rende completamente a Deus. Quando não estamos cheios do Espírito, como Paulo afirmou em Efésios 5:18, nossa vida é ocupada por outras coisas. No mesmo texto, o apóstolo recomendou: “Não vos embriagueis com o vinho.” O termo grego para “embriagueis” é *methúsko*, que significa intoxicar. É a mesma palavra que Lucas utilizou em relação ao homem que não suporta a tardança do seu Senhor e passa a beber sem parar (Lc 12:45).

Difícilmente um pastor pode ser intoxicado por bebida, mas pode ser contaminado pelas críticas à igreja por meio do WhatsApp; por longas horas nas séries de *streaming*; pela exposição de companheiros de ministério nas redes sociais; ou pelo acesso a conteúdos na internet que minam sua consagração. Mas, como Paulo disse a Timóteo: “Você, homem de Deus, fuja de tudo isso” (1Tm 6:11).

Ellen White afirmou: “Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 128). O reavivamento não vem por meio de votos, mas por uma profunda e consciente necessidade do Espírito Santo na vida. Não é uma questão de ênfase do ano ou de algum tipo de promoção, mas de uma sede de alma que somente o Espírito Santo pode saciar. É somente Ele que nos faz viver o ministério em toda plenitude. Por isso precisamos ouvir Sua voz e ser sensíveis aos

O reavivamento não vem por meio de votos, mas por uma profunda e consciente necessidade do Espírito Santo na vida.

Seus conselhos e orientações. No livro *Nisto cremos* encontramos esta ênfase: “O Espírito é vital. Todas as mudanças que Jesus Cristo opera em nós advém-nos pela operação do Espírito. Na qualidade de crentes deveríamos reconhecer constantemente que, sem o Espírito, não seremos capazes de empreender coisa alguma” (p. 85).

A obra do Espírito Santo na igreja e no ministério pastoral é uma obra dupla: (1) formar em nós a imagem de Cristo ao reproduzir Seu caráter em nossa vida; e (2) fazer o coração arder no intenso desejo de compartilhar tudo o que Cristo fez e tudo o que Ele significa para nós. Indubitavelmente, a obra do Espírito Santo é cristológica em Sua essência, pois Seu papel é testificar de Cristo e Sua obra. Jesus deixou isso claro quando afirmou: “Quando, porém, vier o Consolador, que Eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade, que Dele procede, esse dará testemunho de Mim” (Jo 15:26). Essa foi a experiência da igreja apostólica (At 2). Ellen White declarou: “A ambição dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento de Seu reino” (*Atos dos Apóstolos*, p. 31 [48]).

O Senhor está à procura de pessoas que reconhecem sua mais profunda necessidade do Espírito Santo; que anseiam por Deus acima de qualquer outra coisa; que buscam conhecer a Cristo e Sua vontade; e que vivem um ministério de renúncia, resiliência, paixão, fervor e autoridade espiritual. Pois chegará o tempo em que as pessoas nos ouvirão não por causa do longo tempo de nosso ministério, nem pela função que ocupamos ou pelo conhecimento que temos, mas pela vida inteiramente entregue a Deus. **M**



**LUCAS ALVES**

secretário ministerial para a Igreja Adventista na América do Sul

# PRIVILÉGIO E RESPONSABILIDADE



Se as demandas do trabalho pastoral têm aumentado de maneira significativa, os impactos desse aumento sobre a família ministerial seguem na mesma proporção. De maneira especial, os filhos de pastor são mais sensíveis em relação à família, igreja e sociedade. Nesta entrevista conversamos com dois filhos de pastor que, com olhares distintos, compartilharam dicas interessantes sobre a dinâmica do lar pastoral.

Os entrevistados são **Tomás Guardia**, solteiro, estudante de Teologia e Psicologia na Universidade Adventista del Plata, filho do pastor Iván Guardia, da Argentina; e **Dayse Bezerra**, casada, jornalista, professora universitária e empreendedora, filha do pastor José Carlos Bezerra, do Brasil.

## Quais são os aspectos positivos de ser filho de pastor? E os negativos?

**Dayse Bezerra:** Quando avalio os aspectos positivos, encontro três principais. É um privilégio, por poder receber uma base bíblica forte em um lar pastoral; uma oportunidade, porque posso conhecer muitas pessoas e lugares diferentes durante o ministério; e uma responsabilidade, pois somos inseridos em vários ministérios

*Sei que o ministério é a profissão do meu pai, mas não acho que seja uma atividade individual. Não é um trabalho como os demais.*

que nos fazem desenvolver o senso da missão. Quanto aos aspectos negativos, percebo-os de três maneiras. As cobranças, pois os fiéis da igreja pensam que somos “perfeitos”; as limitações, por muitas vezes não tomarmos nossas próprias decisões para manter preservada a “imagem do ministério do nosso pai”; e as incertezas, pois estamos sujeitos às mudanças repentinas, muitas vezes sem poder questioná-las.

**Tomás Guardia:** Se você pensar negativamente, existem muitos. Na adolescência isso parece se intensificar, pois o adolescente não entende muito o que lhe acontece, e a isso soma-se o fato de ser frequentemente julgado por ser filho de pastor. Gosto de pensar em problemas positivos. São aqueles que às vezes você não pode escolher, dos quais você costuma reclamar. Mas, então, Deus acaba surpreendendo você, e eles se tornam uma bênção. Hoje, com a ajuda de Deus, tendo crescido, amadurecido e entendido algumas coisas, posso dizer que “ser filho de pastor” é um privilégio. Pessoalmente, algumas bênçãos e características positivas do ministério para mim são ajudar a fortalecer os laços emocionais com a família e entre a família pastoral e a igreja, bem como moldar o próprio caráter para esta vida e a eterna.

## Como você se identifica com o ministério que seu pai desempenha?

**TG:** Acredito que não seja algo que se escolha identificar, mas algo para o qual devemos nos preparar.



Sei que o ministério é a profissão do meu pai, mas não acho que seja uma atividade individual. Não é um trabalho como os demais. É preciso compreender que nem sempre ele estará disponível para nos atender.

**DB:** Tenho uma admiração muito grande pelo ministério que meu pai realizou, devido ao bom exemplo de pastor na igreja, mas principalmente dentro de casa com nossa família. Ele sempre foi um pastor atuante, que fazia com amor, zelo e responsabilidade o trabalho de Deus. Essas boas referências foram implantadas em meu coração, e sempre procurei acompanhar de perto e na prática o trabalho missionário desenvolvido pela nossa família. Nunca foi só ele, pois de todas as formas o “nosso pastor” nos inseriu na missão.

### De que forma ser filho de pastor marca sua vida, especialmente no aspecto espiritual?

**DB:** Uma das coisas mais lindas que presenciei como filha de pastor foi todos os dias acordar ouvindo os cânticos e vendo a leitura bíblica do meu pai no seu culto pessoal. Outra coisa é ter o equilíbrio espiritual, sem radicalismo nem liberalismo na forma de pensar e agir com os filhos. Vejo que meu pai foi muito equilibrado, sendo compreensivo, sábio e amigo em todas as horas, ajudando-nos a nos manter no caminho.

**TG:** Houve um tempo em que não me marcava espiritualmente. Eu estava com raiva de Deus, da igreja e do meu pai. Até que cresci e passei a entender as mudanças e os desafios como situações que devem ser superadas. Depois disso, assumi o ministério de minha família com outros olhos. Compreendi que Deus realmente tem algo diferente, marcante e motivador para cada família, principalmente para a família pastoral.

### Há alguma recordação relacionada ao ministério pastoral que gostaria de compartilhar?

**TG:** Tive muitas experiências significativas que marcaram minha infância, mas os acampamentos e o Clube de Desbravadores se destacam. Lembro-me de um campori no Paraguai, quando quando meu pai foi convidado para fazer parte da equipe organizadora e eu o acompanhei. Foi muito bom!

**DB:** Teriam muitas, mas destacaria duas. Quando pequena, todos nós participávamos das séries evangelísticas com meu pai. Éramos recepcionistas, conduzíamos os louvores, cuidávamos das crianças e ajudávamos na

**Não adianta encher igrejas e batizar centenas de pessoas e ignorar a família, sem dedicar tempo de qualidade a fim de prepará-la para o Reino de Deus.**

mídia da época. Tudo isso, de alguma forma, me ajudou em minha escolha profissional. Hoje trabalho com comunicação, dou palestras e sou líder na igreja porque desde muito cedo participei do ministério. Outra recordação está relacionada à sua jubilação. Ele nos surpreendeu com um lindo discurso de gratidão, entregando, ao final, uma medalha para minha mãe, Dercy, para mim e minha irmã, Karla, como reconhecimento de que o ministério nunca foi só dele, era nosso!

### Quais conselhos você daria aos pastores quanto ao relacionamento com seus filhos?

**DB:** Em primeiro lugar, seja o melhor exemplo para nós. Não pregue apenas com palavras, mas com sua vida. Em seguida, discutam menos e dialoguem mais. O que buscamos encontrar é harmonia entre pais e filhos, para que juntos desfrutemos do ministério que Deus nos entregou. Nesse sentido, ouçam seus filhos, pois eles também podem contribuir de muitas formas para a missão. Também é muito importante manter a ordem certa: Primeiro Deus, depois a família e, na sequência, o ministério. Não adianta encher igrejas e batizar centenas de pessoas e ignorar a família, sem dedicar tempo de qualidade a fim de prepará-la para o Reino de Deus. Finalmente, queremos missão! Não pense que por estarmos inseridos no ambiente adventista estamos salvos ou nos sentimos assim. A missão para o filho de pastor precisa ser real, prática e envolvente. Precisamos disso para que a salvação tenha um sentido presente em nossa vida.

**TG:** Esteja atento aos seus filhos e à sua família. Procure dedicar tempo a ela. Como estudante de Teologia e Psicologia, considero a família um dos pontos mais atacados pelo inimigo atualmente. O fato de ser um pastor respeitável e bem-sucedido não significa que tudo em sua família será perfeito. Por fim, lembre-se de que a família é o círculo mais importante de todo ministério pastoral de êxito. **M**



# IGREJA DINÂMICA

Wellington Barbosa

A Assembleia da Associação Geral de 1901 entrou para a história da Igreja Adventista como o início de uma grande reorganização administrativa que levou a denominação a “acomodar o crescimento do passado” e “facilitar o crescimento futuro”.<sup>1</sup> Além dos debates acerca das mudanças estruturais, a reunião também abordou temas relacionados ao evangelismo urbano.

Em certo momento, John Corliss, pastor da igreja de São Francisco, fez uma breve apresentação sobre o trabalho na cidade e colocou-se à disposição para responder algumas perguntas dos delegados da Assembleia. A obra desempenhada era muito dinâmica. Cultos evangelísticos eram realizados para marinheiros; atendimento espiritual era oferecido a presidiários; médicos palestravam na igreja sobre doenças comuns e tratamentos naturais; uma enfermeira trabalhava no dispensário local; a assistência social da igreja era ativa na

doação de alimentos e roupas; revistas e panfletos missionários eram vendidos ou distribuídos; havia vários pequenos grupos de membros que visitavam idosos, enfermos e pobres; trabalho contextualizado era feito em favor de chineses e japoneses; e os cultos de domingo eram dedicados ao estudo de Daniel e Apocalipse.<sup>2</sup> A variedade de iniciativas e o fervor missionário não eram infrutíferos.

Ao ser questionado por David Paulson se pessoas estavam aceitando a mensagem do sábado, Corliss respondeu: “Sim! E tivemos até três batismos em um mês. Nunca deixamos de ter batismo todo mês, de pessoas que conhecem a verdade.”<sup>3</sup>

De fato, o relatório de Corliss coincide com a percepção de Ellen White a respeito do trabalho desenvolvido pela igreja. Poucos meses antes da Assembleia, em novembro de 1900, ela visitou a cidade e descreveu: “Durante os últimos poucos anos a ‘colmeia’ em São Francisco tem sido,

sem dúvida, uma colmeia muito ocupada. Muitos setores do trabalho cristão têm sido desenvolvidos por nossos irmãos e irmãs. Neles se incluem a visitação aos enfermos e desamparados, fundação de lares para órfãos e a obra em favor dos desempregados, o cuidado dos doentes, o ensinamento da verdade de casa em casa, distribuição de literatura e a promoção de classes sobre vida saudável e o cuidado dos enfermos.”<sup>4</sup>

O trabalho realizado por “irmãos e irmãs” incluía também “uma escola para crianças”, “um lar para trabalhadores e uma missão médica”, “salas de tratamento que funcionavam como filiais do Sanatório Santa Helena”, “um armazém de alimentos saudáveis”, “um restaurante vegetariano”, “trabalho missionário” para os marinheiros a bordo no porto e “reuniões [evangelísticas] em grandes salões na cidade”.<sup>5</sup>

Alcançar esse nível de atividade em nossas igrejas atualmente é um grande desafio, embora a estrutura de muitas

## Quatro elementos fundamentais para formar congregações bem-sucedidas

delas seja melhor do que a existente em São Francisco no início do século passado. Qual era o segredo para manter a igreja engajada daquela maneira? Um pastor de dedicação exclusiva para a congregação local e muitas pessoas contratadas pela igreja? A resposta de Corliss é surpreendente: “Não. Um homem pode circular entre a igreja e simplesmente pregar até que ela dependa inteiramente de sua pregação; mas nossa igreja não faz isso, nossa igreja está trabalhando. Tentamos fazer com que cada membro da igreja trabalhe. Contudo, o pastor precisa ter mente perspicaz ao falar com diferentes membros, a fim de saber exatamente para qual atividade aquela pessoa está apta.”<sup>6</sup>

Tão importante quanto ajudar os membros da igreja a encontrar seu lugar no corpo de Cristo é ensiná-los a trabalhar. Em sua exposição, Corliss destacou essa necessidade. Em São Francisco, isso acontecia após o culto de sábado, quando um

grupo que variava entre 75 e cem pessoas permanecia na igreja para receber instruções sobre como trabalhar na obra evangelística.<sup>7</sup>

A experiência dessa “colmeia” ilustra como cada congregação adventista pode ser ativa e bem-sucedida no cumprimento da missão. É muito provável que Ellen White tivesse em mente exemplos como esse, quando escreveu em 1905: “Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos. Seus membros devem ser instruídos em dar estudos bíblicos, dirigir e ensinar classes da Escola Sabatina, na melhor maneira de auxiliar os pobres e cuidar dos doentes e trabalhar pelos não convertidos. Deve haver cursos de saúde, de arte culinária, e classes em vários ramos de serviço no auxílio cristão. Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes. Que os mestres vão à frente no trabalho entre o povo, e outros, unindo-se a eles, aprenderão por seu exemplo. Um exemplo vale mais que muitos preceitos.”<sup>8</sup>

### Escola missionária

Uma avaliação objetiva, no entanto, indica que muitas igrejas adventistas estão longe de ser uma “escola missionária para obreiros cristãos”. Programações majoritariamente voltadas para os membros; investimento de grande parte dos recursos para manutenção das estruturas locais; número cada vez menor de membros envolvidos em atividades missionárias; aumento mediano e, em alguns casos, estagnação no número de batismos; evasão crescente, especialmente, de jovens; dificuldade no plantio de novas congregações e pouca relevância na comunidade são sintomas da apatia espiritual que prevalece em alguns lugares.

Em 1900, Ellen White identificou condição semelhante na igreja e afirmou: “Os pretensos seguidores de Cristo estão em prova diante de todo o universo celestial; mas a sua frieza de zelo e fragilidade

dos esforços no serviço de Deus os identifica com os infiéis. [...] Sabem, e o mundo também, que em alto grau perderam o espírito de abnegação e de carregar a cruz. Junto ao nome de muitos será escrito nos livros do Céu: Não produtores, porém consumidores.”<sup>9</sup>

O diagnóstico incômodo, porém, não deve desmotivar pastores e líderes de igreja, mas realçar a necessidade de compreender melhor a realidade e reagir conforme a revelação divina. Ao afirmar que “toda igreja deve ser uma escola missionária”, Ellen White apresentou o caminho pelo qual cada congregação adventista deve trilhar para alcançar o propósito do Senhor. Em síntese, a citação apresenta quatro elementos: liderança experiente, fortalecimento espiritual, ações coordenadas e evangelização ativa. Certamente, se colocado em prática, o que ela escreveu a respeito de cada ponto resultará em crescimento espiritual e numérico para o povo de Deus.

### Liderança experiente

Na “escola missionária” promovida por Ellen White, “mestres” e “instrutores experientes” deveriam ir à frente dos membros, ensinando a teoria e a prática do trabalho missionário. Mas quem seriam eles? Embora a menção possa incluir discípulos maduros que não tenham um ministério formal na igreja, há razões para crer que ela esperava uma ação especial dos líderes da congregação.

Durante seu ministério, ela destacou a importância do papel do pastor e do ancião na capacitação dos membros da igreja, a fim de que pudessem cumprir a missão. Em realidade, ao que tudo indica, os ministros deveriam ser responsáveis pela instrução dos anciãos e, por sua vez, os anciãos deveriam capacitar os discípulos locais e ajudá-los a encontrar sua função no corpo de Cristo.<sup>10</sup>

Em diversas ocasiões, Ellen White destacou a importância de os anciãos dedicarem tempo para ensinar as pessoas a

## O caminho para fazer da igreja uma “escola missionária” demanda consagração, esforço, perseverança, sensibilidade e foco.

trabalhar em favor da expansão do reino. Por exemplo, em 1890, ela escreveu: “Os anciãos e dirigentes da igreja devem dar mais atenção aos planos para a realização do trabalho. [...] É trabalhando pelos outros que esquecemos de nós mesmos. Aqueles, porém, que nada fazem por seus semelhantes se tornam tristes e egocêntricos, e o tempo pesa sobre suas mãos. É essencial que essa educação seja dada aos membros da igreja, para que se tornem obreiros altruístas, devotados e eficientes para Deus.”<sup>11</sup>

Embora o tempo tenha passado, Ellen White tenha ido para o campo missionário e voltado, sua percepção a respeito do trabalho dos anciãos não mudou. Em 1908, ela os orientou a “encontrar formas e meios de oferecer oportunidades a todos os membros, a fim de que tomem parte na obra de Deus. Isso nem sempre foi feito no passado. [...] É necessário treinamento e educação. [...] Esse trabalho de treinamento deve ser acompanhado de fervorosa busca do Senhor, clamando por Seu Espírito Santo”<sup>12</sup>

O conceito se repete também em *Atos dos Apóstolos*, obra publicada em 1911 que traduz a visão de Ellen White acerca “do que a igreja deve ser no mundo, até a segunda vinda de Cristo”<sup>13</sup> Ao mencionar o trabalho dos anciãos, ela afirmou: “Os que ocupam a posição de subpastores devem

exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. [...] Ministrar significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal. A igreja na Terra é composta de homens e mulheres falíveis, que necessitam de esforços laboriosos e pacientes para que sejam disciplinados e educados para trabalhar de forma aceitável nesta vida e, na futura, ser coroados de glória e imortalidade”<sup>14</sup>

Os exemplos apresentados demonstram o posicionamento consistente de Ellen White, no qual um ancionato consagrado, zeloso, disposto a ensinar os membros a trabalhar e ativo na missão é fundamental para que a igreja seja “impedida de se tornar infrutífera e morta”<sup>15</sup>

### Fortalecimento espiritual

Outro ponto que se destaca na igreja ideal de Ellen White é a importância da Escola Sabatina. Anos antes, em 1885, ela reconheceu: “Muito pode ser feito pela educação e preparo moral e religioso de nossos jovens por meio de Escolas Sábatinas bem organizadas e devidamente dirigidas.”<sup>16</sup> Tempos depois reafirmou: “Sinto um profundo interesse por nossas Escolas Sábatinas em todo o país, porque acredito que sejam instrumentos de Deus para a educação de nossos jovens nas verdades da Bíblia.”<sup>17</sup>

Uma leitura cuidadosa dos textos de Ellen White acerca da obra da Escola Sabatina indica que, para a líder, a preparação espiritual de crianças e jovens para “enfrentar e vencer os males que foram introduzidos na sociedade”<sup>18</sup> a partir de uma compreensão profunda das Escrituras, era um dos principais objetivos desse ministério. Assim, o compromisso da juventude com a Palavra de Deus seria uma salvaguarda para sua vida espiritual e o elemento motivador para seu engajamento na missão da igreja.

Isso, porém, não significa que os adultos deveriam ser negligenciados. “Entre os

alunos da Escola Sabatina deve haver um espírito de investigação, a fim de que os que têm idade suficiente para discernir evidências sejam encorajados a buscar novos raios de luz e apreciar tudo o que Deus pode enviar a Seu povo. [...] Deus chama a cada um, idosos e jovens, para examinar diligentemente Sua Palavra, a fim de que descubram os ricos tesouros da verdade. Ministros e povo, professores e alunos, todos são chamados para a obra do estudo da Bíblia.”<sup>19</sup>

Como resultado, a Escola Sabatina deve ser uma estrutura não apenas de fortalecimento espiritual dos membros da igreja, promoção do conhecimento bíblico e coesão doutrinária, mas também de conquista de pessoas para Cristo. Ellen White aconselhou que na Escola Sabatina, “por meio de viva ligação com Deus, homens e mulheres, jovens e crianças, sejam preparados para ser uma força e bênção para a igreja”<sup>20</sup>

### Ações coordenadas

Em conexão com o preparo espiritual/doutrinário dos membros proporcionado pela Escola Sabatina, a igreja-escola deveria pensar “na melhor maneira de auxiliar os pobres, cuidar dos doentes e trabalhar pelos não convertidos”. Em 1902, Ellen White apresentou um método de trabalho que amplificaria os esforços congregacionais. “A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se, em um lugar, houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham intacto seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual estímulo e força com o auxílio dos outros.”<sup>21</sup>

De acordo com a orientação, tanto as igrejas grandes quanto as pequenas seriam

beneficiadas, uma vez que a formação de grupos proporcionaria organização, direcionamento e motivação para o trabalho, favorecendo espiritualmente os membros e também os incrédulos. Nas reuniões de pequenos grupos, “o talento da palavra” deveria ser usado “para que uns aos outros se edifiquem na mais santa fé”.<sup>22</sup> Ao exercer um papel evangelístico, os membros deveriam seguir o exemplo de Cristo, que ia “de lugar em lugar, abençoava e confortava os sofredores e curava os enfermos. [...] Pequenos grupos devem sair para fazer a obra que Cristo indicou aos Seus discípulos. Enquanto trabalham como evangelistas, eles podem visitar os doentes, orar com eles e, se necessário, tratar deles, não com medicamentos, mas com os remédios providos pela natureza”.<sup>23</sup>

Dessa maneira, os pequenos grupos proporcionam uma estrutura de organização que serve para fortalecer os vínculos entre os membros, dar oportunidade para que eles cresçam em conhecimento e habilidade para o serviço e colocar em prática o que aprenderam na comunidade em que estão inseridos. Assim, onde a igreja se movimenta de maneira organizada, ativa e comprometida em fazer o bem às pessoas, conforme as necessidades delas, portas se abrem para que o evangelho seja ensinado. E os membros precisam estar preparados para apontar, por meio da Bíblia, a salvação em Cristo Jesus.


## Evangelização ativa

Ellen White afirmou que a igreja local, como “escola missionária”, deveria se empenhar em ensinar para os membros como “dar estudos bíblicos”. Ela destacou a importância desse trabalho por várias vezes. Por exemplo, em 1909, escreveu: “Entre os membros de nossas igrejas deve haver mais trabalho de casa em casa, dando estudos bíblicos e distribuindo literatura.” “O Senhor me apresentou a obra que tem de ser feita em nossas cidades. Os crentes aí devem trabalhar para Deus nas vizinhanças de sua casa. Necessitam fazê-lo

quieta e humildemente, levando consigo, aonde quer que forem, a atmosfera do Céu. Se perderem de vista o próprio eu, apondo sempre para Cristo, será sentido o poder de sua influência.”<sup>24</sup>

Há, nos escritos de Ellen White, uma linha de trabalho que perpassa suas orientações. Os membros devem andar com Deus, conhecer as Escrituras, organizar-se para o serviço, envolver-se com a comunidade, suprir-lhe as necessidades e ensinar intencionalmente os princípios bíblicos. Esse processo deve ocorrer de maneira natural, na medida em que cada discípulo de Cristo age à semelhança Dele. A compartimentalização ou superênfase que ocorre em algumas abordagens não existe no modo de ação que ela recomenda.

Agindo assim, a igreja crescerá organicamente, como resultado da bênção do Senhor sobre os esforços humanos. “Ao irem, como fizeram os discípulos, de um lugar para outro, contando a história do amor do Salvador, vocês farão amigos e verão o fruto do seu trabalho. [...] Haverá ministração aos enfermos, e os aflitos receberão oração. Haverá voz de canto e oração. As Escrituras serão abertas para testificar da verdade. E com os sinais que se seguirão, o Senhor confirmará a palavra falada.”<sup>25</sup>

O caminho para fazer da igreja uma “escola missionária” demanda consagração, esforço, perseverança, sensibilidade e foco. Se a liderança dos anciãos for afirmada; membros forem instruídos conforme as orientações da Palavra; crianças e jovens forem apoiados; pequenos grupos forem bem estruturados; a comunidade for envolvida com serviço relevante; e as Escrituras forem abertas ao povo com autoridade; o sonho se tornará realidade, e a promessa da vinda de Cristo poderá ser cumprida nesta geração. Façamos a nossa parte na obra do Senhor! 

## Referências

<sup>1</sup> Barry D. Oliver, Assembleias da Associação Geral de 1901 e 1903, em Denis Fortin e Jerry Moon (orgs.), *Enciclopédia Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 675.

<sup>2</sup> J. O. Corliss, “City work”, *The General Conference Bulletin*, 21/4/1901, p. 370-372.

<sup>3</sup> Corliss, p. 372.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 112.

<sup>5</sup> White, p. 112.

<sup>6</sup> Corliss, p. 371.

<sup>7</sup> Corliss, p. 370.

<sup>8</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 149.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 303, 304.

<sup>10</sup> Ver Wellington Barbosa, *As Duas Faces do Ministério* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020).

<sup>11</sup> Ellen G. White, “Ye are laborers together with God”, *Review and Herald*, 2/9/1890.

<sup>12</sup> Ellen G. White, *An Appeal to Ministers and Church Officers* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1908), p. 6.

<sup>13</sup> Jean-Luc Rolland, Atos dos Apóstolos, em Denis Fortin e Jerry Moon (orgs.), *Enciclopédia Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 680.

<sup>14</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 334 [526].

<sup>15</sup> White, “Ye are laborers together with God”.

<sup>16</sup> Ellen G. White, “Sabbath-school duties in the camp-meeting and at home”, *Sabbath-School Worker*, 1/7/1885.

<sup>17</sup> Ellen G. White, “The responsibilities of parents and teachers”, *Sabbath-School Worker*, 1/4/1889.

<sup>18</sup> Ellen G. White, “Sabbath-school influences”, *Sabbath-School Worker*, 1/4/1886.

<sup>19</sup> Ellen G. White, *Testimonies on Sabbath-School Work* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1900), p. 64.

<sup>20</sup> White, p. 92.

<sup>21</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), v. 7, p. 21 [21, 22].

<sup>22</sup> White, p. 22.

<sup>23</sup> Ellen G. White, “Medical missionary work”, *Review and Herald*, 17/12/1914.

<sup>24</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), v. 9, p. 100, 101 [127, 128].

<sup>25</sup> Ellen G. White, “Evidences of discipleship”, *Review and Herald*, 4/2/1904.

**WELLINGTON  
BARBOSA**

editor da revista *Ministério*



# LIDERANÇA COMPARTILHADA

Vislumbres dos profetas do Antigo Testamento sobre o papel de homens e mulheres na condução do povo de Deus

Richard Davidson

Os profetas do Antigo Testamento anunciaram que no escatológico Dia do Senhor, em conexão com a vinda do Messias, haverá mudanças radicais no *status quo*. A sociedade patriarcal e outras disposições reparadoras dos tempos do AT darão lugar a uma nova ordem social que retornará ao ideal divino para os relacionamentos homem-mulher, conforme havia no Éden antes da queda. Várias previsões surpreendentes nos levam a pensar dessa maneira.

## Jeremias 31:22

Jeremias fez uma declaração enigmática, mas impressionante, sobre o escatológico Dia do Senhor: "O Senhor criou coisa nova na terra: uma mulher cortejando um homem!" (Jr 31:22). A última parte diz literalmente: "fêmea [*neqebah*] cerca [*Poel* impf. de *sabab*] (forte) homem/guerreiro [*geber*]". O substantivo *neqebah*, "fêmea", que é o termo genérico para todas as mulheres usado em Gênesis 1:27, aqui é "um referente

inclusivo e conclusivo" que "abrange poeticamente todas as imagens femininas específicas do poema [...] e é diferente de todas essas imagens, pois é a criação de Yahweh de uma coisa nova na terra."<sup>1</sup>

Kathleen M. O'Connor resumiu as possíveis interpretações e as profundas implicações: "Talvez se refira a futuras relações sexuais nas quais as mulheres serão agentes ativos na procriação de um povo restaurado. Talvez fale de uma sociedade em paz para que as mulheres sejam capazes de proteger os guerreiros. Ou talvez antecipe a mudança de papéis de um tipo diferente. O que está claro é que o surpreendente novo papel das mulheres simboliza uma mudança na ordem dos relacionamentos em uma sociedade reconstituída e alegre."<sup>2</sup>

Pode essa passagem, por suas alusões terminológicas à narrativa da criação em Gênesis 1 (por exemplo, o uso dos termos-chave *neqebah*, "fêmea"; *bara*, "criar"; e *erets*, "terra"), prever a reversão da "maldição" de Gênesis 3:16 em relação ao "governo"

do marido sobre sua esposa? Pode anunciar o retorno total ao modelo edênico anterior à queda, no qual não há relacionamentos hierárquicos, e a mulher assume novamente uma posição igualitária, envolvendo um recíproco "cercar" o homem com proteção e cuidado ativos, tanto em casa quanto na comunidade da aliança (igreja)?<sup>3</sup>

Esse texto prevê a reversão de outras estruturas de gênero reparadoras da sociedade, estabelecidas por Deus como provisões "menos do que ideais" para uma humanidade decaída – como o patriarcado e posições de liderança dominadas por homens –, e um retorno à reciprocidade plena conforme havia no Éden, quando Adão e Eva oficiavam como sacerdotes no santuário do jardim?

## Isaías 61:6; 66:18 a 21

Isaías 61 é um retrato poderoso do Messias vindouro, anunciando Sua missão salvífica. Os primeiros quatro versos foram escolhidos por Jesus para anunciar Seu



ministério público (Lc 4:16-22). No verso 6, Isaías anunciou ao povo de Sião (v. 3) que, no Reino messiânico, eles “serão chamados sacerdotes do Senhor”. Aqui está o anúncio inequívoco e surpreendente do “ideal até então não realizado de Êxodo 19:6”.<sup>4</sup> O plano de Deus para o futuro escatológico incluía não apenas alguns sacerdotes homens, mas todo o Israel, homens e mulheres, como “sacerdotes do Senhor.”

Além disso, no último capítulo, Isaías descreveu a reunião escatológica de todas as nações (Is 66:18) no momento em que Deus fará “os novos céus e a nova Terra” (v. 22). A glória do Senhor será revelada entre os gentios (v. 19), e eles irão para Jerusalém, o santo monte de Deus (v. 20). Em seguida, vem o “choque”. O Senhor anuncia: “Também deles escolherei alguns para sacerdotes e para levitas” (v. 21). O sacerdócio não será mais limitado a uma única família de uma única tribo de Israel. O sacerdócio incluirá gentios. E não há indicação de que todos esses gentios serão homens.

Há uma inclusividade que estende o sacerdócio para muito além dos filhos de Arão ou de todo o povo de Israel (Is 61:6). Tanto Isaías 61:6 quanto 66:18 a 21 “anticipam o ‘sacerdócio de todos os crentes’ do Novo Testamento”.<sup>5</sup> O NT anuncia o cumprimento dessas profecias ao restabelecer o “sacerdócio de todos os crentes”, no qual todo o povo de Deus, homens e mulheres, são considerados “sacerdotes para o nosso Deus” (Ap 5:10; cf. 1Pe 2:5, 9; Ap 1:6; 20:6).

### **Joel 2:28 e 29**

No contexto do escatológico Dia do Senhor (Jl 2:11-27), Deus faz uma promessa surpreendente a respeito de Seu povo contrito: “E acontecerá, depois disso, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus velhos sonharão, e os seus jovens terão visões. Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o Meu Espírito naqueles dias” (Jl 2:28, 29).

Essa profecia remonta ao incidente de Números 11:24 a 30, quando o Espírito Santo repousou sobre os 70 anciãos de Israel, e eles profetizaram. Na ocasião, dois dos 70 anciãos não estavam presentes, mas também receberam o dom do Espírito. Quando Josué expressou seu desagrado com esse acontecimento, Moisés respondeu: “Você está com ciúmes por mim? Eu gostaria que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o Seu Espírito!” (v. 29). Parece que Joel vislumbrou o derramamento futuro do Espírito Santo como o cumprimento da oração de Moisés.<sup>6</sup>

Joel não estava predizendo que todos seriam profetas em tempo integral. Os 70 receberam um sinal inicial de seu dom espiritual de liderança: quando “o Espírito [*ha-ruakh*] repousou sobre eles, profetizaram; mas isso nunca mais se repetiu” (Nm 11:25). O mesmo aconteceu quando, no Pentecostes, Pedro anunciou o cumprimento da profecia de Joel: o Espírito pousou sobre todos os que estavam no

cenáculo, como evidência inicial do Seu derramamento.

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2:4). O fato de que Joel tinha em mente a concessão do Espírito aos anciãos do AT (Nm 11) pode indicar a aplicação do cumprimento especial dessa profecia à concessão do Espírito aos anciãos do NT. Nesse caso, não há dicotomia entre os dons do Espírito e o ofício de ancião, para o qual os crentes (tanto homens quanto mulheres) devem ser dotados do Espírito. Distinguir nitidamente e separar dons de ofícios é artificial e não bíblico.

De idêntica maneira, a referência a filhos e filhas profetizando, jovens tendo visões e velhos sonhando não limita esses dons apenas ao segmento da sociedade a que são atribuídos na passagem poética. “O significado dessa individualização retórica é simplesmente que seus filhos, filhas, idosos e jovens receberiam o Espírito de Deus com todos os seus dons.”<sup>7</sup>

A ênfase principal dessa passagem é a inclusão universal e democratização do dom do Espírito. Ninguém será excluído com base em sexo, idade ou posição social.

“A principal característica do derramamento do Espírito é sua universalidade. Todo o povo de Deus recebe o Espírito. O texto apaga as principais distinções sociais do mundo antigo: gênero, idade e situação econômica. Em uma época em que os homens (não as mulheres), os velhos (não os jovens) e os proprietários de terras (não os escravos) governavam a sociedade, Joel rejeitou todas essas distinções como critérios para receber o Espírito Santo. Para Paulo, o cumprimento desse texto é que em Cristo não há judeu nem grego, nem homem nem mulher, nem escravo nem livre (Gl 3:28).”<sup>8</sup>

No verso 30, como no versículo anterior, mulheres e homens são destacados: “É talvez digno de nota que Joel, ao estender a promessa do Espírito aos escravos, novamente afirme que ambos, homens e

mulheres, receberão o dom. É como se ele quisesse garantir que não houvesse a possibilidade de que um segmento da sociedade fosse excluído.”<sup>9</sup>

A menção a “toda carne” (*kol basar*) no verso 28 (ARA) refere-se principalmente à nação da aliança (“os filhos e as filhas”, “seus velhos”, “seus jovens”), o que significa que os limites de gênero, idade e status foram abolidos. Mas observe que a referência a servos e servas (v. 29) não tem o pronome possessivo “seu” e pode ter incluído não judeus. De fato, em toda essa passagem “não devemos restringir a expressão ‘toda carne’ aos membros da nação da aliança, como a maioria dos comentaristas tem feito [...] visto que não pode ser provado que a especificação no [versículo 28] pretende exaurir a ideia de ‘toda carne’”.<sup>10</sup> O clímax de Joel 2:32 inclui crentes de todas as nações, conforme Paulo reconheceu em Romanos 10:13.

O caráter radical dessa profecia é destacado por Raymond Dillard: “É importante que o leitor moderno não perca o caráter radical do que Joel anuncia. No mundo do antigo Israel, o homem judeu mais velho, livre, estava no topo da estrutura social: a maioria dos profetas de Israel pertencia a esse grupo. Joel previu uma reconstrução sociológica: são postas de lado as distinções entre idosos e jovens, escravos e livres e homens e mulheres. Essa declaração de Joel deve ser contrastada com a antiga oração matinal do homem judeu: ‘Agradeço a Deus por não ter nascido gentio, escravo ou mulher.’”<sup>11</sup>

Hans Wolff fala do derramamento profetizado do Espírito como a introdução de “um elemento de revolução social”. Ele se refere especificamente à concessão do Espírito a escravos e escravas. Não há, no AT, nenhum caso em que um escravo tenha recebido o dom de profecia. Mas “na era vindoura, eles serão incorporados totalmente à comunidade dos livres, sendo dignos da mais alta distinção com todos os demais. [...] Yahweh, com Seu poder, quer estabelecer a vida em plena comunidade

entre aqueles que estão sem raízes e fracos. [...] Antes da riqueza desse derramamento, todas as distinções de sexo e idade regredem completamente, até mesmo os contrastes de posição social. Esse é o futuro para o qual Israel se move”<sup>12</sup>

ONT anuncia e descreve a realização inicial dessa visão inspirada do AT com a vinda de Jesus e a igreja apostólica. Assim, o reconhecimento de que o Espírito Santo capacita homens e mulheres para ocupar posições de liderança na igreja local está relacionado com essa realidade. **IM**

## Referências

<sup>1</sup> Phyllis Trible, *God and the Rhetoric of Sexuality* (Filadélfia: Fortress, 1978), p. 48, 50.

<sup>2</sup> Kathleen M. O'Connor, “Jeremiah”, em *The Woman's Bible Commentary*, Carol A. Newsom e Sharon H. Ringe (orgs.) (Londres: SPCK, 1992), p. 176.

<sup>3</sup> Ver Deborah F. Sawyer, “Gender-Play and Sacred Text: A Scene from Jeremiah”, *Journal for the Study of the Old Testament* 83 (1999), p. 99-111; William L. Holladay, “Jeremiah XXXI 22b Reconsidered: ‘The Woman Encompasses the Man,’” *VT* 16 (1966): p. 236-239.

<sup>4</sup> J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), p. 502.

<sup>5</sup> Motyer, p. 502.

<sup>6</sup> Raymond B. Dillard, “Joel”, em *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*, Thomas E. McComiskey (org.) (Grand Rapids, MI: Baker, 1992), v. 1, p. 294, 295.

<sup>7</sup> C. F. Keil, “Joel”, em *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*, C. F. Keil e F. Delitzsch, v. 10: *The Minor Prophets*, C. F. Keil (reimpressão, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), v. 1, p. 211.

<sup>8</sup> Duane A. Garrett, *Hosea, Joel* (Nashville: Broadman & Holman, 1997), p. 369.

<sup>9</sup> Garrett, p. 369.

<sup>10</sup> Keil, “Joel”, p. 211.

<sup>11</sup> Dillard, “Joel”, p. 295.

<sup>12</sup> Hans Walter Wolff, *Joel and Amos* (Filadélfia: Fortress, 1977), p. 67.

Nota: A versão completa deste artigo se encontra em <link.cpb.com.br/4e3244>.

## RICHARD DAVIDSON

professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico da Universidade Andrews





# CAMINHO SEGURO

Benjamin Rojas Yauri

Muitos leem a Bíblia, mas nem todos a reconhecem como a Palavra autoritativa e inquestionável de Deus. A história mostra que sempre existiu quem a vê como um texto comum, fantasioso, contraditório, ou como a palavra de uma divindade que comunica sua mensagem em linguagem alegórica, figurativa e obscura.<sup>1</sup> As formas como o texto bíblico é lido, interpretado e visto diversificaram-se muito, e isso tem se acentuado ao longo do tempo,<sup>2</sup> como resultado da multiplicação de pressupostos e métodos hermenêuticos.

Como vários autores indicam, essas mudanças se devem ao surgimento do Iluminismo, racionalismo, secularismo, naturalismo ateu, dos avanços das ciências humanas e da filosofia, sendo esta última a que teve maior impacto na hermenêutica bíblica.<sup>3</sup> Friedrich Schleiermacher, Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, entre outros, originaram formas de interpretação da Bíblia que produziram um cristianismo sem valores e cada vez mais polarizado em sua teologia. Como exemplo, pode-se citar a teologia da libertação, ecumênica, *queer*, feminista, política, antropológica, socialista, moral, dogmática, mística, entre tantas outras.

Esse pluralismo de abordagens e métodos hermenêuticos é apreciado por alguns e preterido por outros. No entanto, antes de fazer um julgamento, o estudante da Bíblia deve responder à seguinte pergunta: “Sei bem o que estou julgando?” O problema não é julgar, mas fazê-lo sem o conhecimento necessário do que está

sendo avaliado. Por outro lado, não julgar o método ou a estratégia que está sendo usada para interpretar o texto bíblico é ainda mais perigoso, porque inadvertidamente pode violar a integridade, autoridade e relevância da Palavra de Deus.

## Assimilação hermenêutica

É importante esclarecer que, normalmente, o que se julga no processo de interpretação bíblica não é a metodologia, mas as conclusões. Mark Allan Powell, referindo-se apenas aos estudos que são feitos no Novo Testamento, mencionou 12 métodos ou abordagens possíveis que o exegeta pode usar consciente ou inconscientemente em sua atividade acadêmica.<sup>4</sup> Se forem adicionadas a estes outras metodologias aplicadas ao Antigo Testamento e aquelas menos conhecidas, a variedade de métodos e pressuposições torna-se difícil de numerar.

Conseqüentemente, um dos maiores perigos que o estudioso da Bíblia enfrenta

A Igreja Adventista e o desafio da multiplicação dos métodos hermenêuticos

é assimilar conclusões que pareçam corretas, sem uma avaliação prévia do método e dos pressupostos que acompanharam seu desenvolvimento, podendo ser enganados e confundidos. Além disso, é importante estar ciente de que é possível usar algum método para estudar a Bíblia sem saber disso, o que pode ser chamado de uso metodológico de segunda mão.

O risco de assimilar conclusões sem avaliar pressupostos e metodologias não se restringe a certos tipos de conclusões, pois mesmo os estudos semânticos dependem de suas metodologias e pressupostos. Um exemplo disso poderia ser o significado dado à palavra hebraica *bābel*, que tem sido interpretada como “confusão”, “porta de Deus”, “Deus Pai” e, ainda, a junção de tudo isso.

Apenas para ilustrar o que foi dito, Jacques Derrida, considerado o pai da *desconstrução*, concluiu que *bābel* significa “Deus Pai”. O desconstrucionismo utiliza ferramentas linguísticas e filosóficas, como



o estudo do hebraico em profundidade e do desenvolvimento do pensamento humano, para chegar a suas conclusões. Seus pressupostos são (1) a relatividade do mal e do bem; (2) a inexistência de Deus; (3) o fim do cristianismo atual; (4) a escritura ilumina e esconde; (5) o desafio do logocentrismo; e (6) a primazia do ser humano no Universo. Assim, o desconstrucionismo vê a Bíblia como um texto com alto valor literário e profunda sabedoria, mas que não deve reivindicar superioridade sobre outros, uma vez que sua interpretação está aberta a novas possibilidades, que podem diferir ou contradizer as anteriores.

Diante dessas pressuposições, é difícil para um pastor adventista aceitar o significado proposto por Derrida para *bâbel*. Mas outra afirmação menos problemática, como “a fé é um ato sem atestado”, poderia não suscitar ceticismo, se não se soubesse que surge como resultado da mesma metodologia e dos mesmos pressupostos desconstrutivistas.<sup>5</sup>

Considerando essa complexa realidade hermenêutica, o pastor, teólogo e exegeta adventista deve estar ciente de três questões: (1) nem toda proposta e conclusão alcançada por um trabalho de pesquisa, por mais bíblico que possa parecer, deve ser assimilada sem avaliação prévia dos métodos e pressupostos sobre os quais foi construída; (2) é necessário conhecer, tanto quanto possível, os métodos usados para realizar um determinado estudo bíblico ou religioso; e (3) antes de usar um determinado método em uma pesquisa bíblica e religiosa, o intérprete deve conhecê-lo bem e estar ciente dos pressupostos que o acompanham.

## Tarefa hermenêutica

O grande desafio para o adventismo é cumprir sua tarefa hermenêutica com êxito e de acordo com a vontade de Deus. Para tanto, o maior problema que o adventismo enfrenta é o distanciamento que alguns de seus membros têm mantido das pressuposições de fé fornecidas pela revelação escrita, para adotar métodos e

pressuposições críticas, científicas, evolucionistas, sociais ou políticas, entre outras. Isso tem levado ao pluralismo teológico<sup>6</sup> e ao questionamento das crenças adventistas, algo que poderia ser encontrado entre críticos externos, mas que infelizmente tem sido a ocupação de alguns críticos internos bastante contundentes.

Isso mostra que o adventismo não apenas enfrenta o método histórico-crítico e seus pressupostos, mas uma infinidade de novas hermenêuticas<sup>7</sup> que estão entrando em seu meio quase imperceptivelmente. Outro problema diretamente relacionado à hermenêutica adventista gira em torno da compreensão da revelação e inspiração, uma questão que também divide o adventismo em vários setores e é decisiva para a interpretação bíblica.<sup>8</sup>

Embora a hermenêutica adventista tenha enfrentado desafios em todos os períodos de sua história, nos últimos anos isso se intensificou. Leituras ecumênicas, cristológicas, canônicas, retóricas, pós-modernas ou subjetivas representam um grande desafio para a teologia adventista.<sup>9</sup> Além disso, teólogos da igreja não definiram um método específico de abordagem ao texto bíblico,<sup>10</sup> de maneira que os resultados em termos de interpretação tornam-se diversos. O crescimento da igreja também é um desafio para a hermenêutica adventista,<sup>11</sup> uma vez que a entrada massiva de pessoas com formação universitária secular, sem maturidade doutrinária, favorece a proliferação de diversas metodologias hermenêuticas que, com o tempo, são colocadas em prática.<sup>12</sup>

Frank Hasel destaca que a Bíblia não deve ser submetida à norma da razão humana, e muito menos à crítica, pois isso poderia produzir outro adventismo.<sup>13</sup> A verdade é que para o adventismo não parece haver um método perfeito de interpretação, mas existem métodos melhores e mais respeitosos que, bem usados, levam a melhor compreensão do texto bíblico.<sup>14</sup> Portanto, a avaliação dos métodos mais respeitosos, bem como das ferramentas

hermenêuticas que eles fornecem, é uma tarefa imperativa que deve ser realizada. Somente assim a Igreja Adventista poderá manter a certeza de que sua compreensão a respeito da Bíblia não é guiada pela filosofia do momento.

## Proposta hermenêutica

O adventismo, devido à sua visão particular da Bíblia e das ações de Deus no mundo, só pode valorizar um método ou estratégia interpretativa que considera ou inclui vários fatores. Esse método deve reconhecer a comunidade, sem ignorar, contudo, que a pessoa inspirada é quem fala à comunidade, e não a comunidade “inspirada” que fala às pessoas. Também deve admitir que Deus inspirou a Bíblia e os escritos de Ellen White e analisar o contexto do leitor; no entanto, sem fazer dele o fator hermenêutico decisivo quando se trata de interpretar as Escrituras.

Deve ainda considerar seu contexto literário e histórico, retórica, gramática, veracidade, condição canônica e autoria divino-humana. Por outro lado, deve favorecer também uma leitura bíblica baseada na fé, com a firme convicção de que é possível saber o significado que o texto teve para o autor e seus primeiros leitores.

Ao mesmo tempo, esse método deve aceitar que Deus Se comunica de maneira proposicional e intervém na história produzindo eventos naturais e sobrenaturais. Além disso, deve considerar seus temas centrais em uma relação harmoniosa e colaborativa, sem fazer de nenhum deles o juiz hermenêutico dos demais, devendo assim promover uma leitura sinfônica, e não monofônica da Bíblia.

Esse método também deve tomar as Escrituras como um todo, e Cristo como seu personagem central, enquanto se afasta de fazer uma crítica cristológica da Bíblia, para evitar a criação de um cânon dentro do cânon. Da mesma forma, deve promover uma leitura intrabíblica, que compare um texto com outro dentro do cânon, com discernimento, prudência e imparcialidade.

Finalmente, esse método, ainda inexistente, deve considerar que a Bíblia não existe para satisfazer curiosidades intelectuais, não foi dada a especialistas, comunica a obra e a vontade de Deus, transforma o ser humano, e que sua compreensão é uma obra sobrenatural, não meramente resultado do esforço humano.<sup>15</sup> Tendo em mente todos esses fatores, a proposta deste artigo é que a prática interpretativa correta do texto bíblico, ou o método tão procurado, poderia depender mais de um *padrão espiral* e não tanto de uma metodologia específica.

de Deus em sua totalidade,<sup>16</sup> pois quem ignorou Deus na fase de estudo nunca conseguirá entender o texto bíblico. No último quadrante, a ação humana volta a prevalecer, pois o que se entende deve ser ensinado e praticado e, para que isso se torne realidade, deve-se usar a vontade humana. Aqui é necessário esclarecer que, se o processo não chegar a esse quadrante, o Mestre divino não dará a próxima aula, que é mais ampla e profunda.

Portanto, embora os métodos possam auxiliar na compreensão do texto bíblico, de fato, a interpretação correta não está ligada à sofisticação do método, mas à intervenção divina e à vontade humana de ensinar e praticar o que Deus tem mostrado.

A interpretação bíblica é impossível, desafiadora e pouco animadora se for realizada sem a presença do grande Autor do texto sagrado. Sua presença muda tudo, porque “ao estudar a Palavra de Deus [sob Sua orientação], nossa mente será aguçada, e nosso entendimento, expandido. Aqueles que estudam e assimilam a Palavra, tornando-a parte de todas as suas ações e seus atributos de caráter, são fortalecidos no poder de Deus. Isso revigora a alma, tornando a experiência [interpretativa] perfeita e trazendo uma alegria que dura para sempre”.<sup>17</sup> O adventismo pode avançar com confiança, com uma clara consciência de que o desafio hermenêutico que enfrenta atualmente é apenas uma motivação para depender mais de quem transforma desafios em vitórias. **TM**

Isso revigora a alma, tornando a experiência [interpretativa] perfeita e trazendo uma alegria que dura para sempre”.<sup>17</sup> O adventismo pode avançar com confiança, com uma clara consciência de que o desafio hermenêutico que enfrenta atualmente é apenas uma motivação para depender mais de quem transforma desafios em vitórias. **TM**

## Referências

- 1 Justo L. González, *Historia del Pensamiento Cristiano* (Barcelona: Clie, 2010), p. 41-968.
- 2 Kathryn Greene-McCreight, “Interpretation, History of”, em *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*, Kevin J. Vanhoozer et al. (orgs.) (Londres; Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005), p. 331.
- 3 Colin Brown, *Christianity & Western Thought* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1990), p. 19-336.

<sup>4</sup> Powell refere-se à (1) crítica textual; (2) abordagem arqueológica; (3) crítica científica social; (4) crítica histórica; (5) crítica das fontes; (6) crítica das formas; (7) crítica à escrita; (8) crítica narrativa; (9) crítica retórica; (10) estética da recepção; (11) crítica ideológica; e (12) abordagem desconstrucionista. Mark Allan Powell, “How do Biblical scholars study the New Testament?”, *Bible Odyssey*. Disponível em <link.cpb.com.br/b4271f>, acesso em 3/5/2021.

<sup>5</sup> Benjamin Rojas Yauri, “Presuposiciones del acercamiento desconstrucionista derridiano y su influencia en la aproximación al texto bíblico” (dissertação de mestrado, Universidade Peruana Unión, 2012).

<sup>6</sup> Kenneth Wood, “The Mother of us All: Mainstream Adventist”, *Adventist Today*, v. 2, n. 1, 1994, p. 4, 5.

<sup>7</sup> Gerhard Hasel, *La Interpretación de la Biblia* (Buenos Aires: Aces, 1986), p. 92.

<sup>8</sup> Fernando Canale, “Revelación e inspiración”, em *Entender las Sagradas Escrituras: El enfoque adventista*, George W. Reid (org.) (Buenos Aires: Aces, 2009), p. 87.

<sup>9</sup> Alberto R. Timm, “Las Escrituras y la experiencia”, *Ministerio Adventista*, set-out 2009, p. 31.

<sup>10</sup> Richard M. Davidson, “Interpretación bíblica”, em *Tratado de Teología Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires: Aces, 2009), p. 108.

<sup>11</sup> Samuel Koranteng-Pipim, *Recibiendo la Palabra ¿Cómo Afecta a Nuestra Fe los Nuevos Enfoques Bíblicos?* (Buenos Aires: Aces, 1997), p. 18, 19.

<sup>12</sup> Ángel Manuel Rodríguez, “Polarización Teológica: Causas y tendencias”, *Ministerio Adventista*, set-out, 2011, p. 13-19.

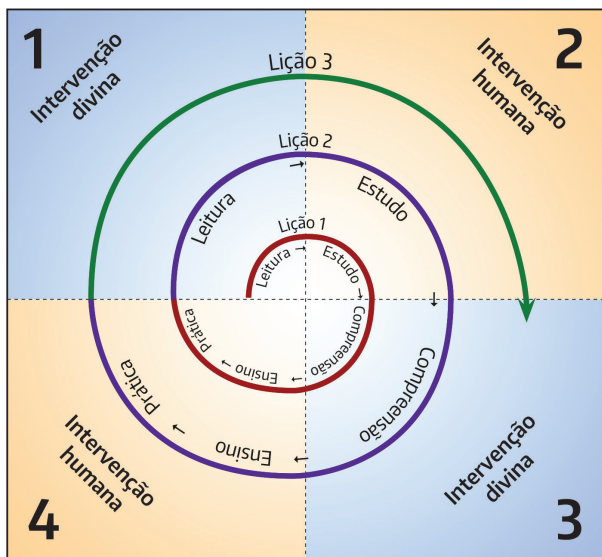
<sup>13</sup> Frank M. Hasel, “Recent Trends in Methods of Biblical Interpretation”, em *Biblical Hermeneutics* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2020), p. 461.

<sup>14</sup> S. Teófilo Correa, “Intertextualidad y Exégesis Intrabíblica: ¿Dos Caras de la Misma Moneda? Breve Análisis de las Presuposiciones Metodológicas”, *DavarLogos*, v. 5, n. 1, 2006, p. 11.

<sup>15</sup> Em 1906, Ellen G. White publicou 21 artigos na *Signs of the Times* sobre o tema, e muito do que estou sugerindo reflete o estudo desses documentos, bem como de outras publicações adventistas.

<sup>16</sup> Em artigo publicado em 4/4/1906 na *Signs of the Times*, Ellen G. White afirmou que, no caso dos discípulos, foi o Grande Mestre ressurreto quem lhes abriu o entendimento, permitindo que compreendessem aquilo que, de outra maneira, permaneceria incompreensível para eles.

<sup>17</sup> Ellen G. White, “The Incarnate Word”, *Signs of the Times*, 4/4/1906, p. 8.



Espiral hermenêutica adventista

Esse padrão começa com Deus como Mestre, e a Bíblia, como livro-texto. Ler a Bíblia ou ouvi-la é o primeiro grande passo, e Deus é o emissor da mensagem. A segunda etapa, o estudo, consiste na utilização de vários métodos hermenêuticos, tão simples como o estudo sistemático da *Lição da Escola Sabatina*, ou complexos como a aplicação de princípios semióticos, retóricos ou intertextuais ao texto bíblico. Esse é o quadrante em que há maior participação humana e que poderia eliminar por completo a participação divina, realidade amplamente demonstrada em contextos acadêmicos. O quadrante seguinte, que corresponde ao entendimento, depende

**BENJAMIN ROJAS YAURI**

diretor da Escola de Teologia da Universidade Peruana Unión



# TRABALHO INTEGRADO

Como estabelecer um Espaço Novo Tempo na igreja local

Jared Barrenechea



**E**m 1943, ao iniciar a transmissão do programa de rádio *A Voz da Profecia*, nas vozes de Braulio Pérez Marcio (em espanhol) e Roberto Mendes Rabello (em português), Lylon H. Lindbeck declarou: "A ofensiva aérea está em processo na América do Sul!"<sup>1</sup> As ondas de rádio com a mensagem do terceiro anjo começaram a atravessar muros, países e até continentes.

Atualmente, com a compreensão de que a Novo Tempo (NT) é uma escola bíblica de discipulado constante, essa ofensiva

intensificou-se na Divisão Sul-Americana. O evangelho é pregado 24 horas por dia, alcançando milhões de pessoas através de rádio, TV e internet.<sup>2</sup>

Como resultado, muitas pessoas fazem contato diariamente com a NT, pedindo conselhos, orações e estudos bíblicos. Em cada um dos oito países da DSA, há uma equipe da Escola Bíblica encarregada de atender ligações e mensagens de WhatsApp, enviar cursos bíblicos e gerenciar o *Esperança*, um *chatbot* desenvolvido para

ministrar estudos bíblicos. De acordo com os registros da Escola Bíblica, o número de alunos cadastrados excede 1,7 milhões de pessoas e tem média de 200 mil alunos por ano.

O avanço do trabalho da Novo Tempo e da Escola Bíblica provoca algumas perguntas: Como conectar os alunos da NT com a igreja? Como guiá-los num processo de discipulado pessoal? O que podemos fazer para integrar o trabalho da NT à igreja local? Este artigo tem por objetivo responder a esses questionamentos.



## Espaço Novo Tempo

A estratégia de estabelecer Espaços Novo Tempo surgiu com o objetivo de construir uma ponte entre telespectadores, ouvintes de rádio ou usuários da internet e as igrejas locais.<sup>3</sup> Desde o início, milhares de alunos passaram do contato virtual para uma experiência pessoal dentro de um Espaço NT, e hoje são discípulos de Jesus.

Tânia Ribeiro Barbosa, natural de Manaus, AM, sempre assistia à TV Novo

Tempo e decidiu estudar a Bíblia pelo *WhatsApp* com o *chatbot*. Ao final do estudo, o pastor Fábio Heverton e o casal Fabiane Silva e Alcemir Oliveira, líderes do Espaço NT, entraram em contato com ela para visitá-la. Tânia concordou em ser visitada e, pouco depois, foi à Igreja Adventista pela primeira vez. Ela conta que, ao se aproximar da igreja, viu o o logotipo da Novo Tempo e teve certeza de que estava no lugar certo. Depois de sua experiência, ela diz: “Nunca imaginei que pudesse encontrar um lugar para continuar aprendendo sobre a Bíblia e, acima de tudo, um lugar em que eu me sentisse amada.”

O Espaço NT é um centro de discipulado porque tem uma classe bíblica. Não se trata apenas de ter um logotipo da Novo Tempo na frente da igreja, nem de ter uma boa recepção na igreja, mas de desenvolver a classe bíblica e levar os alunos a uma experiência de comunhão com Deus e com as pessoas. O Espaço NT pode ser implantado em uma igreja, em um centro de influência ou em uma instituição adventista (escola, hospital, sede administrativa), até mesmo em um shopping, mas sempre supervisionado por uma igreja local. Suas características são:

- Logotipo da Novo Tempo na frente do local.
- Recepção e programação bem planejadas.
- Classe bíblica funcionando em um ambiente adequado, com a identidade visual da NT.
- Equipe de líderes, professores e instrutores.

## Como formar um Espaço NT

Para estabelecer um Espaço NT, a iniciativa da igreja é imprescindível. Não deve ser algo imposto, mas deve surgir do coração dos membros em resposta à urgência de compartilhar o evangelho. Assim, é preciso seguir alguns passos:

**1. Escolher uma igreja e conscientizar seus líderes e membros.** O pastor distrital pode escolher uma igreja estrategicamente

localizada ou uma mais orientada para a missão. Seja qual for o caso, é importante conscientizar os líderes que compõem a comissão da igreja sobre a importância de ter um Espaço NT para conduzir mais pessoas a Cristo por meio do discipulado. Após o projeto ser aprovado, deve ser eleita uma equipe que trabalhará com o pastor no desenvolvimento do projeto até sua execução. Durante o processo de estabelecimento do Espaço NT, toda a igreja deve ser conscientizada e capacitada para que seja acolhedora, gentil e prestativa.

## 2. Estabelecer uma equipe de líderes.

Para isso, os critérios sugeridos são: (a) buscar representatividade e equilíbrio (adultos e jovens, homens e mulheres) na composição; (b) incluir membros da comissão da igreja; (c) escolher pessoas apaixonadas pela missão; e (d) compor o grupo com pelo menos cinco pessoas: coordenador, secretário, professor, líder da recepção, líder dos instrutores ou agentes. Além disso, dependendo da necessidade, pode haver um teleoperador para contatar os alunos antes de visitá-los.

## 3. Escolher um local ou área da igreja.

Ter uma sala para a classe bíblica do Espaço NT é um desafio mesmo para as grandes igrejas. No entanto, devemos ter em conta que esse espaço não precisa ser exclusivo. Ele pode ser compartilhado com outros departamentos em datas e horários diferentes. A Igreja Adventista de Heliolândia II, em Ananindeua, PA, é um dos vários exemplos de congregações que souberam se adaptar para estabelecer um Espaço NT.

Essa igreja foi motivada por seu pastor, Diego Lamego, a abrir um Espaço NT, e o ancião Bruno Oliveira concordou em ser o coordenador local. Em seguida, com a ajuda do pastor Danilo Martins, coordenador da Escola Bíblica, foi realizada uma série de treinamentos a fim de capacitar a equipe de apoio para receber e atender os alunos. O desafio, porém, que enfrentaram foi que a igreja tinha apenas uma sala

grande para os cultos. Então, os membros decidiram transformar toda a sua igreja em um Espaço NT. Eles instalaram o logotipo da Novo Tempo na fachada, redecoraram a plataforma colocando dois sofás e um tapete e incluíram uma equipe de louvor em sua programação. Aos sábados, a igreja funciona normalmente, mas aos domingos à noite, ela se transforma em uma grande classe bíblica. É preparada uma programação especial com louvor, brindes, estudo bíblico interativo e uma confraternização com lanche para todos os alunos.

Como resultado, a igreja conta com uma classe bíblica de 25 alunos. Embora a congregação seja pequena, o pastor e os membros demonstram que não é impossível ter um Espaço NT com classe bíblica.

**4. Capacitar a equipe.** Ter um ciclo constante de capacitações levará a equipe a aumentar seus conhecimentos e adquirir mais habilidades no que faz. Basicamente, a capacitação é feita em quatro áreas: (a) recepção e atendimento no sábado pela manhã; (b) funcionamento da classe bíblica; (c) contato prévio com alunos da NT, respeitando leis que regulamentam a proteção de dados; e (d) visitação.

**5. Preparar a infraestrutura e o plano de trabalho.** O objetivo de ter um espaço acolhedor decorado com a identidade da Novo Tempo é criar um ambiente de confiança que promova a comunhão e motive o estudo da Bíblia. Recomenda-se implementar a classe bíblica com algumas características: (a) identidade visual com as imagens dos programas mais populares da NT; (b) recursos de sala de aula, como aparelho de TV, quadro branco e marcadores; e (c) materiais impressos como Bíblias, revistas, estudos bíblicos e folhetos informativos da NT.

Além de preparar a infraestrutura, também é necessário desenvolver o plano de trabalho. Esse plano será o caminho que a classe bíblica percorrerá durante o ano. Recomenda-se dividir o plano em

períodos trimestrais ou quadrimestrais, a fim de melhor organizar o ensino dos estudos bíblicos. Ele deve conter o início das aulas; dias e horários de funcionamento, formaturas, batismos e encontros de amigos da NT. Adicionalmente, deve considerar também um orçamento para materiais e atividades.

**6. Celebrar a inauguração.** A inauguração do Espaço NT e de sua classe bíblica deve ser um evento importante para a igreja, mas também para a comunidade. É uma ocasião para convidar vizinhos da igreja ou amigos da NT – pessoas que estão na lista de alunos da Escola Bíblica – e organizar um agradável encontro de comunhão e celebração. Nesse dia, é anunciada a matrícula para a classe bíblica e a data de início das aulas.

**7. Acompanhar o andamento do trabalho.** Acompanhar significa “estar ao lado”, não como quem conduz, mas como quem ajuda. Uma equipe acompanhada será motivada e comprometida em trabalhar com paixão. Portanto, para acompanhar os líderes do Espaço NT, sugere-se a realização de encontros virtuais ou presenciais, de forma regular, para avaliar necessidades e deficiências, capacitar os voluntários, definir metas, reconhecer o esforço e medir o progresso. A presença do pastor distrital e do coordenador da Escola Bíblica é importante nesse processo de desenvolvimento.

### Onde encontrar alunos

A Escola Bíblica da Novo Tempo possui um cadastro de alunos e, portanto, é só contatá-los com o intuito de obter sua permissão para visitá-los ou convidá-los para alguns eventos, como a inauguração de um Espaço NT, encontros de amigos da NT, programas especiais ou projetos de saúde comunitária.

O Espaço NT também pode atender os interessados das diferentes frentes missionárias, mesmo aqueles que vêm à igreja

pela primeira vez e provavelmente nunca tiveram contato com a Novo Tempo.

Além de ter uma classe bíblica concentrada na formação espiritual, o Espaço NT pode desenvolver projetos para criar relacionamentos dentro da comunidade. Esses projetos devem atender às necessidades físicas, sociais e emocionais das pessoas, sem perder o foco do discipulado.

Zenón Henríquez, aposentado das Forças Armadas do Chile, foi a um Espaço NT para uma aula de violão e, depois de ter participado da classe bíblica, aceitou Jesus. Isso também aconteceu com Josellya Dasmásio. Enquanto passeava no Shopping Praia da Costa, em Vitória, ES, ela viu um Espaço NT e se inscreveu em um curso de saúde preventiva. Depois, juntou-se à classe bíblica e, após cinco meses, decidiu entregar a vida a Jesus. Zenón e Josellya encontraram, no Espaço NT, uma ponte de esperança que os levou a Cristo.

Assim como eles, existem milhares de pessoas que estão cadastradas na Escola Bíblica da Novo Tempo esperando que uma “ponte espiritual” seja construída entre a igreja local e sua casa. Todos nós somos essa ponte. Devemos usar o Espaço NT como um meio estratégico, a fim de alcançar essas pessoas e guiá-las no processo de discipulado. Vamos nos unir para fortalecer essa estratégia que liga a Novo Tempo à igreja, de tal maneira que mais pessoas se tornem seguidoras de Jesus. **TM**

### Referências

<sup>1</sup> Lylon H. Lindbeck, “A ‘Ofensiva Aérea’ na América do Sul”, *Revista Adventista*, agosto de 1943, p. 9, 10.

<sup>2</sup> Jorge Rampogna, “Nuevo Tiempo”. Disponível em <link.cpb.com.br/f6af7f>, acesso em 24/11/2021.

<sup>3</sup> Divisão Sul-Americana, “Espaço Novo Tempo – definições”, voto 2015-129.

### JARED BARRENECHEA

coordenador da Escola Bíblica da TV Novo Tempo



# CELEIRO MISSIONÁRIO

O papel da educação adventista no preparo de jovens para a obra de Deus

Jetro Castro Ortega



**N**os Estados Unidos, pesquisadores da área da educação realizaram um estudo para descobrir quais fatores ajudam a manter a identidade de uma instituição confessional. Entre os pontos destacados estão (1) diretores comprometidos com a visão da igreja mantenedora; (2) professores comprometidos com os valores e crenças da instituição; e (3) alunos comprometidos com a mesma fé da igreja mantenedora.<sup>1</sup> Em outra pesquisa, foi constatado que há três fatores que ajudam a manter a identidade de escolas confessionais privadas: (1) estudo da Bíblia em pequenos grupos; (2) corais e grupos musicais; e (3) intercâmbio cultural e missionário.<sup>2</sup>

Há muitos anos, Deus iluminou Ellen White para acentuar esses fatores diante dos líderes da Igreja Adventista. Sua contribuição para a formação da filosofia educacional da denominação e sua concepção sobre a espiritualidade dos alunos nas escolas confessionais são importantes para o êxito do sistema de educação adventista em nossos dias.

### Desafios contemporâneos

A educação adventista enfrenta grandes desafios. Percebe-se que diante das mudanças tecnológicas, muitos jovens têm perdido o interesse pela leitura da Bíblia. Isso foi constatado em escolas de ensino médio, nos Estados Unidos, entre os anos de 1990 e 2010. De acordo com uma pesquisa, nesse período houve uma queda do interesse dos alunos adventistas pelo estudo da Bíblia e na frequência aos cultos da igreja. Como resultado, a falta de compreensão a respeito de doutrinas vitais do adventismo e a rejeição a algumas normas da igreja aumentaram. De acordo com a pesquisa, nos anos de 1990, 40% dos alunos adventistas do ensino médio liam a Bíblia diariamente. Mas, na virada do milênio, essa porcentagem caiu e, de imediato, deu-se nova ênfase à vida devocional dos alunos por meio da oração e leitura diária das Escrituras.<sup>3</sup>

Como decorrência dessa preocupação, líderes da educação da adventista no Brasil e no mundo desenvolveram programas de voluntariado missionário e projetos sociais que visavam auxiliar os alunos em seu crescimento espiritual. Nos anos 90, o número de missionários de curto prazo cresceu na Igreja Adventista,<sup>4</sup> e no início do século 21, a criação do Serviço Voluntário Adventista deu um impulso maior a essas iniciativas.

Assim, surgiram as escolas de missões nos internatos, com o objetivo de preparar alunos para obter uma experiência missionária enriquecedora. Nos últimos anos, tem crescido o número de jovens que se dedicam a projetos missionários como Calebe, OYIM e Salva-Vidas Amazônia. Mesmo as escolas adventistas de ensino médio e fundamental estão sendo motivadas a ter sua própria “agência de missões”.

### Fatores importantes

Há quatro fatores que fazem a diferença na vida espiritual de um aluno adventista: (1) a verdadeira educação inclui o ensino religioso fundamentado na Bíblia; (2) os professores devem ser bem qualificados academicamente, mas sobretudo, devem ser cristãos praticantes imbuídos do Espírito Santo; (3) a educação deve ser prática, bem como cultural e acadêmica, e o currículo deve ser suficientemente vocacional para assegurar que todo aluno deixe a escola com meios dignos para ganhar seu sustento; e (4) a educação deve preparar uma pessoa para ser útil e inspirá-la com o ideal de serviço.<sup>5</sup> Afinal, o propósito das escolas adventistas é preparar missionários.

A história da educação adventista mostra que nossa primeira escola surgiu por causa da necessidade que os pais sentiram em relação à vida espiritual dos filhos. Os primeiros adventistas estavam preocupados com o teor do ensino das escolas públicas daquela época. Os fatores principais que ameaçavam o caráter de seus filhos eram as influências seculares e o ensino da ciência sem compromisso com a religião. Entre as décadas de 1850 e 1870, os

pioneiros adventistas sentiram o desejo de ter sua própria escola, comprometida com os grandes princípios da Palavra de Deus. Os ensinamentos ministrados deveriam ir além da ciência. A Bíblia deveria ser o livro principal a ser estudado. Além disso, a instituição deveria seguir um modelo mais prático, no qual os alunos trabalhariam pelo seu próprio sustento.<sup>6</sup>

Assim, a educação adventista tem algumas colunas que sustentam e dão sentido à sua forma de ser.

### Ensino religioso com base na Bíblia

Ellen White acreditava na educação cristã e defendia a ideia de que o desenvolvimento harmônico na vida do estudante estava além de um aprendizado teórico. Para ela, as escolas adventistas deveriam preparar o aluno para a vida, ensinando-o a ter uma legítima comunhão com Deus. Ellen White enfatizou que “o conhecimento de Deus e de Jesus Cristo expresso no caráter é uma exaltação superior a tudo mais que se estime na Terra e no Céu. É a suprema educação. É a chave que abre as portas da cidade celestial. Deus designa que todos quantos se revestem de Cristo possuam esse conhecimento”.<sup>7</sup>

Dessa maneira, sua concepção do conhecimento de Deus vai além de doutrinas e profecias. Ela se referiu ao conhecimento pessoal do Senhor. “A única segurança para nossos jovens nesta época de pecado e crime é ter viva ligação com Deus. Devem aprender como buscar a Deus, a fim de que sejam cheios de Seu Santo Espírito e procedam como se estivessem ciêntes de que toda a hoste celestial os contempla com atenta solicitude, prontos a socorrê-los em tempos de necessidade. [...] Devem aprender uma religião prática e diária que os santifique em todos os aspectos de sua vida, no lar, nos negócios, na igreja e na sociedade.”<sup>8</sup>

### Professores consagrados

Ao falar sobre a influência de professores cristãos, Ellen White salientou a



necessidade de se ter professores consagrados para a convivência com os alunos. Ela escreveu: “Tanto nas escolas quanto nos lares, grande parte do ensino era oral; no entanto, os jovens também aprendiam a ler os escritos hebraicos, e os rolos de pergaminhos das escrituras do Antigo Testamento eram abertos ao seu estudo. [...] Alimentava-se um espírito de devoção. Não somente se ensinava aos estudantes o dever da oração, mas eles eram ensinados a orar, a aproximar-se do seu Criador e ter fé Nele, compreender os ensinamentos do Seu Espírito e obedecer-lhes.”<sup>9</sup>

O tempo é sagrado e devemos aproveitar ao máximo todas as oportunidades. A existência terrena é uma preparação para a eternidade, nosso destino final. A preparação para a vida eterna consiste na edificação do caráter que tem como atributos a laboriosidade, o cumprimento dos deveres, a resistência às provações e o desenvolvimento pessoal.<sup>11</sup>

### Preparo para o serviço

Em seus escritos sobre educação, Ellen White enfatizou a necessidade de se oferecer uma educação prática para a missão.

White. Havia uma preocupação demasiada em seguir os costumes das escolas da época. Os primeiros diretores tentaram estabelecer um currículo acadêmico semelhante ao de outras escolas. Depois de um período de silêncio, ela escreveu um testemunho intitulado “A Educação Ideal”, publicado em 1872,<sup>13</sup> no qual destacou o verdadeiro propósito da educação cristã.

Agora, repousa sobre nós a responsabilidade de colocar em prática esses conselhos inspirados por Deus! **IM**

### Referências

- <sup>1</sup> R. Benne, *Quality with Soul: How Six Premier Colleges and Universities Keep Faith with Their Religious Traditions* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001).
- <sup>2</sup> C. Cherry, B. A. Deberg e A. Portfield, *Religion on Campus* (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2001).
- <sup>3</sup> R. Dudley, *Valuegenesis: Faith in the Balance* (Riversdale, CA: La Sierra University Press, 1992).
- <sup>4</sup> E. Baumgartner, J. Dybdall, P. Gustin, W. Kuhn, L. Merklin, B. Moyer, C. Doss (orgs.), *Passaporte para a Missão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 8.
- <sup>5</sup> E. M. Cadwallader, *Filosofia Básica da Educação Adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2006 tradução não publicada), p. 5.
- <sup>6</sup> G. R. Knight, “Oberlin College e as reformas educacionais adventistas”, em *A Educação Adventista no Brasil*, Alberto R. Timm (org.) (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2004), p. 1-8.
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 457.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 232, 233.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 47.
- <sup>10</sup> Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 388.
- <sup>11</sup> Cadwallader, p. 6.
- <sup>12</sup> Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), p. 545, 546.
- <sup>13</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 3, p. 112-135.



“Os jovens necessitam de educadores que mantenham sempre diante deles a Palavra de Deus em princípios vivos.”

Na época de Samuel, esse ensino era ministrado nas escolas dos profetas. Os professores dessas escolas eram exemplos vivos de comunhão com Deus. Ellen White escreveu a respeito da influência espiritual que eles exerciam sobre os alunos. Para ela, o critério usado na escolha de um professor deveria ir além do preparo acadêmico. “Os jovens necessitam de educadores que mantenham sempre diante deles a Palavra de Deus em princípios vivos. Se eles mantiverem sempre os preceitos da Bíblia como seu guia, terão maior influência sobre os jovens.”<sup>10</sup>

### Educação para a vida

Ellen White via uma relação muito próxima entre o crescimento espiritual e o uso das oportunidades dadas pelo Criador. Em sua filosofia de educação estão incluídos alguns pontos relevantes para a vida estudantil. Ela salientou que a vida é uma luta constituída mais de deveres e trabalhos do que de prazeres e descanso.

Ela ressaltou o cuidado que se deve ter por parte dos professores de não sobrecarregar demais os alunos a ponto de não terem tempo para a comunhão com Deus e o trabalho missionário nos arredores da escola. “Para sua completa educação é necessário que se dê aos alunos tempo para fazer trabalho missionário – tempo para se relacionarem com as necessidades espirituais das famílias da vizinhança. Não devem ficar tão sobrecarregados nos estudos, que não tenham tempo de empregar o conhecimento adquirido. Sejam animados a fazer diligente trabalho missionário em favor dos que estão no erro, relacionando-se com eles e levando-lhes a verdade. Trabalhando com humildade, buscando sabedoria de Cristo, orando e vigiando em oração, poderão dar a outros o conhecimento que lhes enriqueceu a própria vida.”<sup>12</sup>

Implementar esse sonho na primeira escola adventista não foi tarefa simples. Por algum tempo, a instituição em Battle Creek não adotou os conselhos de Ellen

**JETRO CASTRO  
ORTEGA**

pastor em Campo Grande, MS



# PANDEMIA E EVENTOS FINAIS

**O**s sinais de que o fim está próximo incluem doenças, como a pandemia do novo coronavírus. Contudo, Jesus disse que esse conjunto de indícios seria apenas “o princípio das dores” (Mt 24:8). O fim ainda não veio porque, entre outras razões, o evangelho deve primeiro ser “pregado a todas as nações” (Mc 13:10).

Em relação ao cenário do fim, Ellen White escreveu que “grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos”.<sup>1</sup> Embora as duras realidades detalhadas por Jesus certamente virão, as boas-novas são de que elas passarão rapidamente. De fato, Cristo afirmou: “Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, levantem-se e fiquem de cabeça erguida, porque a redenção de vocês se aproxima” (Lc 21:28).

Algumas situações geradas pela Covid-19 fornecem pistas do que ocorrerá em um futuro próximo e, portanto, podem nos ajudar no preparo para as últimas cenas do grande conflito.

1

## Quarentena

A pandemia prenunciou um tempo em que, tendo escapado das grandes cidades

(à semelhança de quando os cristãos deixaram Jerusalém antes de sua queda, em 70 d.C.), os filhos de Deus encontrarão refúgio nas cidades ou centros populacionais menores.

É verdade que “o tempo de agonia e angústia que está diante de nós exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome – fé que não esmoreça, mesmo que seja severamente provada”.<sup>2</sup> Mas então – e mais tarde, durante o tempo de angústia de Jacó (Jr 30:7), quando o povo de Deus terá que viver em pequenos grupos ou isolado – o Senhor protegerá Seus filhos e suprirá as necessidades básicas deles.<sup>3</sup>

A situação provocada pela pandemia serve para nos preparar para o que está por vir. Essa preparação inclui:

*Tempo para estudar a Palavra.* A fim de que nossa casa espiritual e a dos membros de nossa igreja permaneça firme, precisamos ter certeza de que seu alicerce repousa sobre a rocha, as palavras de Jesus (Mt 7:24-27). O que nos impede de investir tempo estudando a Palavra de Deus com mais assiduidade? Precisamos responder a essa questão.

*Tempo para oração pessoal.* As circunstâncias atuais nos oferecem a oportunidade de fortalecer nossa dependência direta de Deus, por exemplo, vigiando com

Ele em oração. Em resposta à oração da fé, Ele nos dará o que faltou às virgens adormecidas (Mt 25): Seu Espírito Santo, simbolizado pelo óleo (Lc 11:11-13). Ele nos ensinará (1Co 2:10-12), nos guiará no aprofundamento de nosso conhecimento das Escrituras (Jr 33:3) e nos ajudará a guardar Suas preciosas promessas (Jo 14:26).

*Fidelidade nas pequenas coisas.* Jesus alertou que antes do teste final seremos levados aos tribunais. No entanto, Ele prometeu estar em sintonia com aqueles que estão ligados a Ele (Lc 21:12-15). Considerando Amós 3:7 – “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas” –, devemos incluir em nosso estudo “o testemunho de Jesus”, dado a nós pelo “espírito de profecia” (Ap 19:10). Se formos fiéis nas coisas que estão ao nosso alcance, Deus fará por nós muito mais do que podemos pedir ou pensar (Lc 16:10; Ef 3:20).

2

## Intervenção governamental

Durante a pandemia, os governos limitaram as liberdades e os direitos individuais visando ao bem comum. Eles intervieram, entre outras coisas, para limitar a liberdade de movimento de seus cidadãos; o acesso

ao livre comércio, que afetou vendedores e compradores; e a entrada ou saída de certos grupos da população através das fronteiras dos países.

Embora o objetivo dessas medidas fosse a busca do bem comum, inconscientemente, as nações podem estar se preparando para o momento em que os governantes da Terra, em coalizão, e também invocando o bem comum, utilizarão seu poder e sua força no cumprimento dos eventos finais (Ap 13). Jesus assegurou: “Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10:28); e prometeu: “Não se perderá um só fio de cabelo da cabeça de vocês” (Lc 21:18).

3

### Abrangência global da crise

O alcance global da Covid-19 nos oferece um vislumbre da crise em que a Terra inteira estará envolvida e que ameaçará o remanescente de Deus, quando “todo o mundo” se maravilhará e seguirá a besta (Ap 13:3). Além disso, a segunda besta de Apocalipse 13 fará “com que a Terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal [será] curada” (v. 12), e enganará todos os “que habitam sobre a Terra”, “dizendo aos que habitam

sobre a Terra que façam uma imagem à besta, àquela que foi ferida à espada e sobreviveu” (v. 14).

4

### Inimigo invisível

Referindo-se ao novo coronavírus, autoridades civis e médicas em todo o mundo afirmaram repetidamente: “estamos lutando contra um inimigo invisível”. Essas palavras também são verdadeiras na dimensão espiritual. “Nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades” (Ef 6:12). Lutamos contra um inimigo invisível, Satanás, que se esconde e age por intermédio dos poderes humanos em sua guerra contra o Cordeiro e Seus seguidores (Ap 17:14).

A vitória é nossa somente quando nos revestimos de toda a armadura de Deus (Ef 6:14-17). A derrota e destruição de Satanás estão garantidos (Ap 20:10). Essa será a obra de Deus. A nossa, mesmo como líderes espirituais, é reconhecer humildemente que a astúcia de Satanás excede nossa inteligência e habilidade (2Co 11:14), nos submeter a Deus (Tg 4:7), orar com fé e permanecer sóbrios e vigilantes (1Pe 5:8, 9).

5

### Prontidão

Mesmo com uma tragédia tão terrível como a pandemia, Deus nos dá oportunidades, e devemos aproveitá-las. Cada pessoa deve depositar toda a sua dependência no Senhor, sustentada por um estudo completo de Sua Palavra, meditação e oração.

Essas reflexões sobre a pandemia da Covid-19 não pretendem estabelecer qualquer posição teológica. Em vez disso, visam motivar ações que permitirão a nós e às pessoas que amamos e servimos estar prontos para encontrar Jesus em Sua vinda gloriosa e iminente (Hb 10:23, 24). **IV**

### Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), v. 9, p. 14.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 516.

<sup>3</sup> Ver White, *O Grande Conflito*, capítulo 40, “O grande resgate”.

### MARCO TERREROS

vice-presidente do Seminário Adventista Interamericano de Teologia, em Porto Rico



# ESTRUTURA COMPLEXA

Desenvolvimento histórico do estudo literário do livro do Apocalipse

Alberto Tasso Barros

O Apocalipse é um livro de difícil interpretação. O desafio não está apenas em decifrar seus códigos proféticos, mas também em entender como ele foi construído. Entre os passos exegéticos, identificar a macroestrutura é fundamental, pois nos previne de interpretar uma passagem ou seção isoladamente do restante do livro.<sup>1</sup>

Há um consenso acadêmico de que João não estruturou seu livro de forma aleatória. Pelo contrário, o Apocalipse é considerado “a obra mais artística e bem elaborada de todas as outras do mesmo gênero na literatura hebraica e cristã”.<sup>2</sup> Além disso, o investigador mais atento perceberá como a macroestrutura por si só nos revela a essência de sua mensagem.

O passo preliminar para essa análise é descobrir se as diferentes visões estão relacionadas entre si de maneira cronológica, temática ou ambas. As principais linhas de debate giram em torno se Apocalipse 4:1 a 22:6 representa um esquema sequencial de eventos ou se alguns seguimentos se sobrepõem temporal e tematicamente.<sup>3</sup>

Portanto, uma forma de sistematizar esse estudo é por meio da análise e comparação dos autores que identificaram uma estrutura com paralelos. O primeiro modo, recapitulação, identifica paralelos no texto em que visões ou temas subsequentes retomam os anteriores, ampliando o que já foi mencionado. O segundo propõe que os blocos de visões estão relacionados através de uma sucessão de eventos ou temas que caminham linearmente até o clímax final.

## Ênfase na recapitulação

No 6º século, Vitorino de Pettau escreveu o mais antigo comentário completo do Apocalipse, lançando as bases para a noção de recapitulação. Esse autor foi o primeiro a propor uma organização integrada ao oferecer uma exposição unificada do livro de João. Ele mencionou que as sete taças (16:1-21) não são novos eventos, mas uma repetição ampliada das sete trombetas (8:7-9:21).<sup>4</sup>

Esse modo de ver o arranjo literário do Apocalipse como uma série de repetições e ampliações foi posteriormente denominado por Ticonio de teoria da recapitulação, sendo utilizado como consenso por, praticamente, toda a tradição latina. A ruptura veio com Alexandre Minorita e o influente Nicolau de Lira, seguidores do historicismo de Joaquim de Fiori.<sup>5</sup>

Ambos romperam com a recapitulação de Vitorino e propuseram uma estrutura progressiva para o Apocalipse, com cumprimentos históricos literais desde a morte de Cristo até o *escathon*.<sup>6</sup>

Já o criticismo literário do século 19 fracionou o Apocalipse em uma composição de diferentes fontes e autores. O primeiro a fazê-lo foi K. Von Witzsäcker, em 1882, e outros, como Daniel Völter, vieram depois dele. Mas, uma reviravolta interessante aconteceu no final do século 19, quando autores do método crítico-histórico reconheceram uma unidade indivisível no Apocalipse e a obra de um só autor ou editor.<sup>7</sup> Desde então, essa unidade literária é consensual.

O conceito de recapitulação retomou sua força no início do século 20, com os dois comentários relevantes de H. B. Swete e E. B. Allo. Desde então, surgiram várias formas de entender a recapitulação, sendo as principais: (1) o modelo septenário e (2) o modelo quiasmático.

Adela Collins argumenta que o número 7 tem a função de marcar e identificar as principais seções do Apocalipse. A relação entre essas seções se dá por recapitulação, e esta excluiria a série das sete igrejas e estaria presente nos paralelos entre os sete selos, as sete trombetas, as sete pragas e outras duas séries de visões sétuplas não numeradas (12:1-15:14; 20:4-22:5).<sup>8</sup> Essa repetição de temas seria a ferramenta utilizada para retomar, ampliar e enfatizar assuntos já apresentados.

A relação entre as seções seria também integrada pelo que foi denominada de “técnica do intertravamento”. Esta seria a forma que João unificou a sequência das visões ligando o sétimo elemento com o que vem a seguir. Por exemplo, a visão do anjo com o incensário antes do toque das trombetas (8:3-5) retoma o quinto selo, com as almas clamando embaixo do altar (6:9-11). Assim, as duas visões estariam de certa forma entrelaçadas em paralelo.<sup>9</sup>

O pioneiro em identificar uma estrutura quiasmática para o Apocalipse foi Nils

Lund em 1942,<sup>10</sup> mas foi Elisabeth Fiorenza que causou um profundo impacto ao propor um paralelismo mais amplo.<sup>11</sup> Ela parte de três princípios de análise: (1) o número sete; (2) as duas visões relacionadas aos pergaminhos fechado e aberto (5:1-2 e 10:2); e (3) o princípio de intercalação. Este último consiste na técnica de unir diferentes visões através da técnica ABA', com o método sanduíche utilizado nos evangelhos. O resultado seria um grande quiasmo de sete partes, com um centro bem marcado na visão dos capítulos 10:1 a 15:4.<sup>12</sup>

Em linhas gerais, há pelo menos quatro princípios entre os autores que adotaram a recapitulação: (1) os paralelos dentro da estrutura estão centralizados nas séries de sete, com exceção da série das igrejas (2:1-3:22) que é tida como introdutória; (2) a repetição de frases e termos como “relâmpagos, trovões e vozes” (4:5, 8:5, 11:19 e 16:18-21) e “vi” e “ouvi” (7:1, 4) são marcadores estruturais; (3) o centro do livro, em geral, gravita em torno do capítulo 12 e suas visões adjacentes; e (4) a recapitulação não é apenas uma repetição, mas funciona como uma ampliação do que foi mostrado.

## Ênfase na progressão cronológica

A ideia básica entre os autores que não aceitaram a recapitulação é que os sete selos, trombetas e pragas seriam eventos sucessivos, partindo da entronização de Cristo até o fim escatológico. Autores de escolas futuristas como R. Mounce argumentam que os eventos dos capítulos 4 a 11 cobririam esse período desde a ressurreição de Cristo até Seu retorno. Os capítulos 8:2 a 22:5, especialmente, se refeririam apenas à tribulação final.<sup>13</sup>

Uma variação importante desse pensamento é a teoria telescópica, proposta por R. J. Loenertz e ampliada por G. Ladd e R. L. Thomas. Ela defende que o sétimo elemento de cada uma das séries sétuplas, com exceção das sete igrejas, inclui tudo o que vem depois, como um antigo telescópio retrátil,<sup>14</sup> de tal forma que o sétimo selo ou sétima trombeta, por exemplo, incluiriam

estruturalmente tudo o que vem depois, até o capítulo 22.

Essa argumentação se baseia no modo que o Apocalipse apresentaria o sétimo elemento das séries por meio de uma linguagem vaga ou mesmo sem conteúdo próprio, como no caso do sétimo selo (8:1). Assim, o sétimo elemento de cada uma das séries estaria ligado tanto o que veio antes como ao que viria depois, formando uma clara unidade literária.<sup>15</sup>

Em resumo, a proposta de macroestrutura linear está em oposição aos autores que adotaram a recapitulação. Ao contrário da tendência entre os recapituladores de dividir o livro ao redor do capítulo 12, os progressistas, em geral, colocam um marco divisório ao final do capítulo 3, iniciando a sucessão de eventos a partir da visão do trono, no capítulo 4.

Vale ressaltar que a análise de muitos autores é muito mais literária que interpretativa. Eles estão mais preocupados em identificar a estrutura do que em interpretar os símbolos e as visões. Também deve-se mencionar que não existe necessariamente uma relação direta entre o método interpretativo (idealismo, historicismo, preterismo e futurismo) e a análise literária em que autores idealistas e historicistas adotam a recapitulação e os futuristas a linearidade. Mas essa não é uma regra fixa. Há muitas exceções.

Entre os estudos literários do Apocalipse, a contribuição dos adventistas do sétimo dia merece destaque. Não apenas pelo peso que o livro tem dentro desse movimento profético, mas porque os autores da denominação proveram a esse estudo uma contribuição muito particular. Em geral, os adventistas adotaram a recapitulação, mas foram muito além em sua análise estrutural.

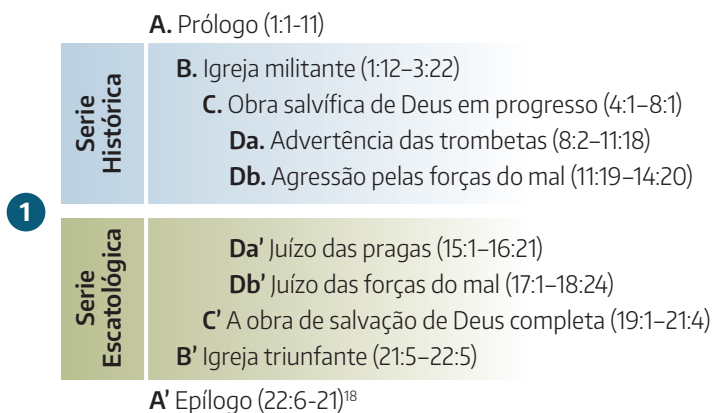
### Contribuição adventista

No adventismo há três fases distintas na interpretação do Apocalipse: (1) o período de *Thoughts on Daniel and Revelation* (1862–1944); (2) o período do *Comentário Bíblico Adventista* (1944–1970); e (3) período de múltiplas ênfases (1970–).<sup>16</sup> Na primeira, por influência de Uriah Smith, a tendência foi enfatizar o cumprimento profético na história. A segunda teve um enfoque

mais teológico ao buscar, além do cumprimento profético, o significado espiritual das profecias. Já a terceira teve uma ênfase mais exegética de análise do texto e de seus paralelos com o Antigo Testamento.

Os estudos sobre a estrutura progrediram no último período com as publicações de Kenneth A. Strand. Até então, a análise da macroestrutura estava mais relacionada com a divisão das visões em seções e estabelecer o relacionamento delas por recapitulação. Ele foi o primeiro a propor um sistema integrado para a macroestrutura por meio de um quiasmo composto por prólogo, epílogo e mais oito visões.<sup>17</sup>

Essas visões estão divididas em duas seções. As primeiras quatro visões se referem à série histórica (1:12–14:20), e as outras quatro, à série escatológica (15:1–22:5). As oito visões básicas do Apocalipse seriam:



### Visões da parte histórica

	I	II	II	IV
A	Cena vitoriosa de introdução com cenário do templo			
	Ap 1:10b-20	4-5	8:2-6	11:19
B	Descrição profética básica na história			
	Ap 2-3	6	8:7-9:21	12-13
C	Interlúdio: destaque nos eventos finais			
	Ap 7	10:1-11:13	14:1-13	
D	Culminação escatológica: clímax da história			
	Ap 8:1	11:14-18	14:14-20	

### Visões da parte escatológica

	V	VI	VII	VIII
A	Cena vitoriosa de introdução com cenário do templo			
	Ap 15:1-16:1	16:18-17:3a	19:1-10	21:5-11a
B	Descrição profética básica no juízo final			
	Ap 16:2-14, 16	17:3b-18:3	19:11-20:5	21:11b-22:5
C	Interlúdio: exortação e apelo			
	Ap 16:15	18:4-8, 20	20:6	
D	Culminação escatológica: juízo final			
	Ap 16:17	18:9-19, 21-24	20:7-21:4	

Strand foi além e encontrou uma estrutura interna semelhante à das grandes visões. Cada uma delas seria inaugurada por uma cena de vitória no santuário celestial, seguida por uma descrição profética básica, um interlúdio e uma culminação escatológica. O quadro 2 na página anterior deixa isso mais claro.

A proposta de Strand estabeleceu o padrão a ser seguido dentro do adventismo. Anos mais tarde, Jon Paulien publicou uma modificação na estrutura de Strand, reduzindo o quiasmo de oito, para sete visões. Paulien argumenta que não é possível ver uma cena do santuário em 16:1 a 17:3a. Assim, o quiasmo teria um clímax bem marcado nos capítulos 11:19 a 15:4:

Prólogo (1:1-8)

**A.** As sete igrejas (1:9-3:22)

**B.** Os sete selos (4:1-8:1)

**C.** As sete trombetas (8:2-11:18)

**D.** A crise final (11:19-15:4)<sup>19</sup>

**C'.** As sete pragas (15:5-18:24)

**B'.** O milênio (19:1-20:15)

**A'.** A Nova Jerusalém (21:1-22:5)

Epílogo (22:6-21)<sup>20</sup>

O método de análise de Paulien identificou que João utilizou quatro estratégias diferentes para estruturar o Apocalipse: (1) estruturas repetitivas; (2) "duodirecionalidade", um método semelhante ao que Collins chamou de técnica do intertravamento; (3) paralelos quiasmáticos; e (4) o uso do santuário como dispositivo estrutural.<sup>21</sup> Paulien também foi além de Strand ao identificar que as cenas introdutórias do templo seguem a mesma sequência do plano da redenção executado no santuário celestial, isto é, inauguração (4-5), intercessão (8:2-6), juízo (11:19), cessação (15:5-8) e ausência (19:1-10).<sup>22</sup>

Os estudos sobre a macroestrutura encontraram um lugar especial entre os eruditos adventistas, e Strand foi o mais relevante deles. No entanto, a adaptação feita por Paulien se tornou o modo mais comum de olhar o esquema literário do

Apocalipse dentro da denominação. Os adventistas, em linhas gerais, aceitam a recapitulação, mas são praticamente os únicos recapitulacionistas que relacionam, em paralelo, a visão das sete igrejas com os selos e trombetas, além de colocar as pragas na parte escatológica.

## Conclusão

Identificar a estrutura do Apocalipse tem desafiado os mais hábeis eruditos, com pouco consenso entre eles. De fato, as contribuições para o estudo literário do Apocalipse são tão numerosas quanto seus intérpretes.<sup>23</sup> No entanto, é possível classificá-los entre os que utilizaram a recapitulação ou a progressão cronológica para identificar essa estrutura. Os estudos adventistas merecem destaque por serem os mais profundos e fundamentados, especialmente, na identificação de uma estrutura interna nas visões, inauguradas pelo santuário.

Sem dúvida, o Apocalipse é resultado da inspiração divina, pois uma estrutura tão profunda e bem elaborada não poderia ser fruto da inteligência humana. É encantador perceber que a estrutura em si é uma revelação dos desdobramentos do plano da redenção, culminando com o fim do grande conflito. Compreender a macroestrutura do Apocalipse é fundamental para todo aquele que busca interpretar suas visões corretamente. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Carlos Olivares, "Análisis estructural de Apocalipsis 12 y 13: en busca de un esqueleto estructural", *Theologika* 20, nº 1 (2005): 35.

<sup>2</sup> J. Massynberde Ford, *Revelation: A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*, (New Haven & Londres: Yale University Press, 2008), v. 38, p. 46.

<sup>3</sup> G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*, (Grand Rapids, MI: Carlisle, Cumbria: W. B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999), v. 39, p. 108.

<sup>4</sup> William C. Weinrich, *Latin Commentaries on Revelation: Victorinus of Petovium, Apingius of Beja, Caesarius of Arles, Bede the Venerable* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2011), p. 12.

<sup>5</sup> Philip Krey, "Nicholas of Lyra: Apocalypse Commentator, Historian and Critic", *Franciscan Studies* 52 (1992). Alois Wachtel (org.), *Alexander*

*Minority Expositio in Apocalypsim*, Quellen zur Geistesgeschichte des Mittelalters, v. 1 (Weimar: Hermann Böhlau, 1955; reimpressão, Munique: MGH, 1983).

<sup>6</sup> William C. Weinrich, *Greek Commentaries on Revelation: Oecumenius, Andrew of Caesarea*, (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2011).

<sup>7</sup> Uggo Vanni, *La Struttura Letteraria dell'Apocalisse* (Brescia: Morcelliana, 1980), p. 17, 18.

<sup>8</sup> Adela Yarbro Collins, *The Combat Myth in the Book of Revelation* (Missoula, MT: Scholars Press, 1976), p. 15.

<sup>9</sup> Collins, p. 16-19, 49.

<sup>10</sup> Nils Wilhelm Lund, *Chiasmus in the New Testament: A Study in Formgeschichte* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1992; Chapel Hill, NC: UNC Enduring Edition, 2012), p. 321-411.

<sup>11</sup> Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Revelation: Vision of a Just World* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 1991), p. 35, 36.

<sup>12</sup> Fiorenza, p. 35, 36.

<sup>13</sup> Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 46, 47, 151, 163.

<sup>14</sup> Raymond-Joseph Loenertz, *The Apocalypse of Saint John* (Nova York: Sheed & Ward, 1947), p. xiii.

<sup>15</sup> Jan Lambrecht, "A Structuration of Revelation", em *L'Apocalypse Johannique et l'Apocalyptique Dans le Nouveau Testament* (Leuven: Leuven University Press, 1980), p. 80-88.

<sup>16</sup> Gluder Quispe, *The Apocalypse in the Seventh-day Adventist Interpretation* (Lima: Universidad Peruana Unión, 2013), p. 2-16.

<sup>17</sup> Kenneth A. Strand, "The Eight Basic Visions in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies* 21, nº 3 (1983), p. 107-109.

<sup>18</sup> Kenneth A. Strand, "Chiastic Structure and Some Motifs in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies* 16, nº 2, (1978), p. 401.

<sup>19</sup> Jon Paulien, *Seven Keys: Unlocking the Secrets of Revelation* (Nampa, ID: Pacific Press, 2009), p. 42, 43.

<sup>20</sup> Jon Paulien, *The Deep Things of God: An Insider's Guide to the Book of Revelation* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), p. 123; Paulien, *Seven Keys*, p. 41.

<sup>21</sup> Paulien, *The Deep Things of God*, p. 112.

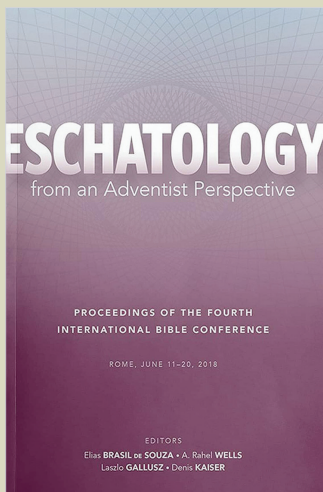
<sup>22</sup> Jon Paulien, "The Role of the Hebrew Cults, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of Revelation", *Andrews University Seminary Studies* 33, nº 2 (1995), p. 255.

<sup>23</sup> Wayne Richard Kempson, "Theology in the Revelation of John as a Possible Key to its Structure and Interpretation" (tese de doutorado, Southern Baptist Theological Seminary, 1982), p. 38.

**ALBERTO TASSO  
BARROS**

pastor em São José  
do Rio Preto, SP

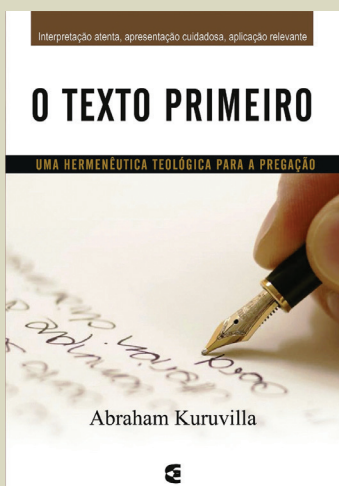




### Eschatology from an Adventist Perspective

Elias Brasil de Souza, A. Rahel Wells, Laszlo Gallusz, Denis Kaiser (orgs.), Review and Herald, 2021, eBook Kindle.

Esse livro reúne alguns artigos apresentados na 4ª Conferência Bíblica Internacional, organizada pelo Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral e realizada em junho de 2018. São 26 capítulos divididos em duas seções: estudos bíblicos e histórico-teológicos. *Eschatology from an Adventist Perspective* representa uma amostra das várias palestras interessantes que ocorreram na Conferência Bíblica. Como uma publicação acadêmica, as ideias e sugestões refletem o pensamento de seus autores. Contudo, elas contêm percepções que podem ajudar a Igreja Adventista a crescer em sua compreensão a respeito da Palavra de Deus, especialmente em relação à sua escatologia.



### O Texto Primeiro

Abraham Kuruvilla, Cultura Cristã, 2019, 304 p.

*O Texto Primeiro* supre a lacuna entre o texto bíblico e a aplicação com uma rigorosa hermenêutica teológica, que é o intermediário entre o texto antigo e o público contemporâneo, com função crucial na determinação da aplicação válida. Com base nessa hermenêutica, Kuruvilla apresenta um novo modo de ler as Escrituras para a pregação: uma interpretação Cristoicônica do texto bíblico, para entender a descrição do Filho nas Escrituras. Além disso, o autor fornece uma teologia substantiva da formação espiritual por meio da pregação: o movimento do texto para a aplicação. Livro recomendado para pregadores, estudantes, professores de homilética e todos os interessados no estudo e na exposição das Escrituras, o que culmina na aplicação para a glória de Deus.



### La Macroestructura del Apocalipsis de Juan

Alberto Tasso Barros, Ediciones Theologica, 2021, 238 p.

Diversos autores escreveram sobre a macroestrutura do Apocalipse. No entanto, muitos estudos não deram ênfase à questão da recapitulação ou progressão cronológica como fatores organizadores para a classificação dessas abordagens. O propósito desse livro é analisar, sistematizar e comparar as contribuições mais importantes entre teólogos de perspectiva cristã e adventista, em relação à identificação de uma estrutura literária integrada do Apocalipse. Assim, ele apresenta o papel específico da recapitulação como um fator organizador para a classificação das propostas de macroestrutura, considerando, de maneira especial, a contribuição de Kenneth Strand para o entendimento do tema entre os adventistas do sétimo dia.



## Creación y evangelio en el mensaje de los tres angeles

Ekkehardt Mueller – *DavarLogos*, v. 20, n. 1, 2021, p. 31-84

(<https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/975>)

Esse artigo investiga os contextos imediatos e mais amplos das mensagens de Apocalipse 14:6 a 12. Depois de focalizar a visão central do Apocalipse em torno da mensagem dos três anjos, busca outras mensagens no Apocalipse para obter uma imagem clara do que o livro deseja comunicar. A terceira parte destaca o significado fundamental do evangelho mencionado em Apocalipse 14:6 e sua relação com a criação no verso seguinte. O autor sugere que, embora as mensagens sejam sobre julgamento, o evangelho deve ser entendido de forma positiva. Ele também propõe não se concentrar exclusivamente na mensagem dos três anjos, mas proclamá-la no contexto das outras mensagens do Apocalipse.



## Helenismo na patrística: Epicurismo e estoicismo na visão de Orígenes de Alexandria sobre Deus

Jean Carlos Zukowski e Lucas Gracioto Alexandre – *Kerygma*, v. 16, n. 1, 2021, p. 53-64

(<https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v16.n1.p53-64>)

As filosofias helênicas tiveram larga influência no mundo greco-romano. Teólogos da era patrística são um exemplo desse alcance helenístico até mesmo na teologia da igreja cristã primitiva. Orígenes, teólogo cristão do 3º século, apresenta conceitos ontológicos helenistas que podem ser vistos na teologia oriental depois dele. O objetivo desse estudo é analisar a influência do epicurismo e do estoicismo, duas escolas filosóficas do helenismo, na visão de Deus de Orígenes e sua implicação na contemporaneidade. Para o desenvolvimento do presente trabalho foi utilizado o método de análise bibliográfica. Dentre os autores pesquisados destaca-se Geovanne Reale e Justo González. A pesquisa conclui que Orígenes foi influenciado pelo neoplatonismo, a filosofia corrente em Alexandria na sua época, sistematizada com bases estoicas. O neoplatonismo posteriormente influenciou Agostinho, a teologia cristã latina medieval e atual.

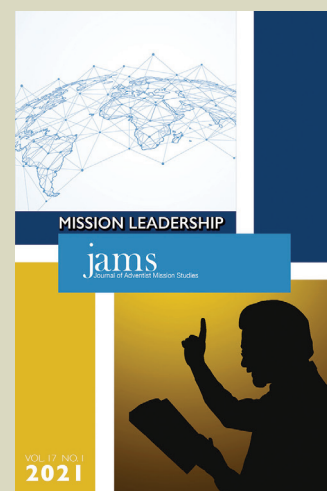


## The decline and recovery of apostolic leadership in Adventist ministry

Anthony WagenerSmith – *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 17, n. 1, 2021, p. 19-42

(<https://digitalcommons.andrews.edu/jams/vol17/iss1/4>)

Esse artigo analisa a função inicial e o declínio da apostolicidade entre os ministros adventistas do sétimo dia, observando as implicações para o adventismo contemporâneo. Após apresentar um estudo sobre o modelo de liderança do Novo Testamento – com ênfase nos apóstolos, na apostolicidade e seu relacionamento com os anciãos – o artigo explora a tentativa inicial do adventismo de implementar esse modelo. Isso inclui o modo pelo qual os anciãos e membros foram capacitados e também a maneira pela qual a igreja era estruturada. O declínio da apostolicidade e a transição para a noção moderna do “pastorado” são apresentadas tendo em conta as opiniões dos pioneiros adventistas, bem como documentos históricos importantes, como o *Manual da Igreja*. Finalmente, uma síntese sobre essa mudança é apresentada com recomendações para o adventismo contemporâneo.



# JÁ CONHECE NOSSO CARTÃO PRESENTE?

COMPROU, CARREGOU, PRESENTEOU!



SURPREENDA QUEM VOCÊ AMA



Saiba mais

## AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO  
Av. Constantino Nery, 1212  
(92) 3304-8288  
(92) 98113-0576

## BAHIA CACHOEIRA

FADBA  
Rod. BR 101, km 197  
(75) 3425-8300  
(75) 99239-8765

## BAHIA SALVADOR

NAZARÉ  
Av. Joana Angélica, 1039  
(71) 3322-0543  
(71) 99407-0017

## CEARÁ FORTALEZA

CENTRO  
R. Barão do Rio Branco, 1564  
(85) 3252-5779  
(85) 99911-0304

## DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE  
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23  
Ed. Number One  
(61) 3321-2021  
(61) 98235-0008

## GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL  
Av. Goiás, 766  
(62) 3229-3830  
(62) 98169-0002

## MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO  
R. Quinze de Novembro, 589  
(67) 3321-9463  
(67) 98129-0874

## MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO  
Rua dos Guajajaras, 860  
(31) 3309-0044  
(31) 99127-1392

## PARÁ BELÉM

MARCO  
Tv. Barão do Triunfo, 3588  
(91) 3353-6130  
(91) 98259-0002

## PARANÁ CURITIBA

CENTRO  
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1  
(41) 3323-9023  
(41) 99706-0009

## PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO  
R. Gervásio Pires, 631  
(81) 3031-9941  
(81) 99623-0043

## RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA  
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A  
(21) 3872-7375  
(21) 96554-0007

## RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO  
R. Coronel Vicente, 561  
(51) 3026-3538  
(51) 98163-0007

## SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC  
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N  
Faz. Lagoa Bonita  
(19) 3858-1398  
(19) 98165-0008

## SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA  
R. Pastor Hugo Gembauer, 656  
(19) 3503-1070  
(19) 98425-6666

## SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO  
Tv. Lourenço Rondinelli, 111  
(11) 4438-1818  
(11) 94825-0112

## SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA  
Av. Juriti, 563  
(11) 5051-0010  
(11) 95282-4191

## SÃO PAULO SÃO PAULO

PRÇA DA SÉ  
Praça da Sé, 28  
5º Andar  
(11) 3106-2659  
(11) 95975-0223

## SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE  
R. Gil de Oliveira, 153  
(11) 2289-2021  
(11) 95288-1009

## SÃO PAULO TATUI

LOJA DA FÁBRICA  
Rod. SP 127, km 106  
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:

**Superbem**

**NOVO TEMPO**  
CANAL DA ESPERANÇA



# FAZER OU ENSINAR A FAZER?

**E**m uma comissão de avaliação para ordenação, um pastor elogiou o aspirante pelo número de pessoas que ele havia levado ao batismo. Na verdade, foi notado que a maioria dos batismos resultou do trabalho direto daquele aspirante. No entanto, outro membro daquela comissão salientou que, embora fosse muito bom ter havido tantos batismos, o impressionante era que boa parte dos membros da igreja não estivesse envolvida na tarefa de salvar pessoas. Evidentemente, embora o aspirante fosse um excelente instrutor de Bíblia e trabalhasse muito para evangelizar as pessoas, ele ainda não havia aprendido a motivar os membros para que se envolvessem na missão da igreja.

Outro pastor experiente comentou, certa vez, como é frustrante trabalhar com uma irmandade que muitas vezes é instável em seus esforços. Por isso, esse pastor preferia fazer sozinho todo o trabalho possível, garantindo os resultados que almejava.

Em ambos os casos, o erro é o mesmo. É verdade que, como pastores, pode ser tentador fazer todo o trabalho. Principalmente se somos perfeccionistas e pensamos que ninguém pode fazer isso melhor do que nós. Mas nessa atitude podemos identificar, pelo menos, três problemas:

*1. Sobrecarga de trabalho do pastor.* Fazer o trabalho sozinho é exaustivo e estressante. Quando Jetro percebeu esse problema na liderança de Moisés, ele advertiu: “Com certeza todos ficarão cansados, tanto você como este povo que está com você. Isto é pesado demais para você; você não pode fazer isso sozinho” (Êx 18:18). Se você não quer ficar esgotado, é necessário delegar responsabilidades aos membros da igreja.

*2. Falta de oportunidade para que os membros aprendam a trabalhar.* As atividades e responsabilidades da igreja, especialmente aquelas diretamente relacionadas com a missão de salvar pessoas, são uma grande bênção, não só para aqueles

Se os conselhos inspirados forem implementados no ministério pastoral, os resultados serão benéficos não apenas para o pastor, mas também para a igreja.

por quem se trabalha, mas também para aqueles que executam a tarefa. Se o líder fizer tudo sozinho, estará impedindo o crescimento dos membros da igreja. Moisés, além de delegar, também deveria capacitar outras pessoas para o serviço (Êx 18:19-22), e os líderes de hoje também devem fazer isso.

*3. O perigo do orgulho.* Normalmente, quando você quer fazer tudo sozinho, o pensamento subjacente é: “Ninguém fará isso melhor do que eu.” Por trás dessa atitude, é claro, está o orgulho e a exaltação própria. Quanto a esse perigo, Ellen White escreveu: “Enquanto você tem muito que fazer, outros têm bem pouco. Você não tem dado a outros a oportunidade de melhorar em eficiência através da experiência prática. [...] Você tem uma autoconfiança excessiva; superestima suas próprias habilidades. Hoje devia ter ao seu lado um número maior de obreiros inteligentes treinados por você. Você, porém, ajustou as coisas de acordo com suas limitadas concepções, e ainda permanece praticamente sozinho” (*Liderança Cristã*, p. 73, 74). Fuja do orgulho! Aprenda a confiar nas pessoas, mesmo que às vezes elas cometam erros.

Pode ser que haja dificuldade para investir tempo e esforço a fim de capacitar e motivar os membros da igreja. No entanto, se esses conselhos inspirados forem implementados no ministério pastoral, os resultados, a longo prazo, serão muito mais benéficos, não apenas para o pastor, mas também para a igreja e a comunidade ao seu redor. **IM**



**WALTER STEGER**  
editor associado da  
Ministério, edição em  
espanhol

# Pós-Graduação em Gestão Eclesiástica

R\$ **195,99**\* Mensais

- ✓ Finanças Eclesiásticas
- ✓ Liderança de Projetos
- ✓ Comunicação Aplicada
- ✓ Mobilização de Pessoas
- ✓ Desenvolvimento Estratégico

**Aulas Síncronas – On-line**  
Com encontros semestrais

  
**Faculdade  
Adventista**  
DO PARANÁ

[WWW.FACULDADEADVENTISTA.EDU.BR](http://WWW.FACULDADEADVENTISTA.EDU.BR)

**Fale Conosco\***

**Telefone**  
(44) 3236-8296

**E-mail**  
[secretaria.fap.ead@educadventista.org.br](mailto:secretaria.fap.ead@educadventista.org.br)